

Em Busca da Arquitectura Perdida

Sentido de Comunidade em Porto Brandão



JOÃO MIGUEL SERRENHO DE SOUSA
(Licenciado)

Projecto Final de Mestrado
para obtenção do grau de Mestre, especialização em Arquitectura

Orientação Científica:
Professor Doutor Luís Filipe Ferreira Afonso
Professor Doutor Pedro Paulo da Silva Marques de Abreu

Júri:
Professora Doutora Maria da Graça dos Santos Antunes Moreira (Presidente)
Professor Doutor Luís Filipe Ferreira Afonso (Vogal)
Arquitecto Especialista António Pedro Moreira Pacheco (Vogal)

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro 2024



*Figura 2: Asilo 28 de Maio e Torre de S. Sebastião de Caparica
Fonte: fotografia do autor*



Figura 3: Acesso Sul (vista do interior da propriedade)
Fonte: fotografia do autor

O documento foi redigido segundo o Acordo Ortográfico de 1990.

*“Le grand point est d’être ému, d’aimer, d’espérer, de frémir, de vivre. Être
homme avant d’être artiste!”*

(Rodin, 1911)

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

Agradeço profundamente aos meus orientadores e professores Luís Filipe Ferreira Afonso e Pedro Paulo da Silva Marques de Abreu. Agradeço ainda aos professores Jorge de Novais Telles de Faria Correa Bastos e José Luís Mourato Crespo pelas sugestões e revisão do documento.

Agradeço à Direcção do Serviço de Infraestruturas do Exército Português, ao Joaquim Xarepe, ao Carlos Costa e ao Nuno Pinto toda a documentação relativa ao estudo do Asilo 28 de Maio e Torre de S. Sebastião de Caparica.

Aos meus pais, os meus primeiros mestres, agradeço a infindável crença no meu percurso.

Ao meu irmão, agradeço a confiança que sempre demonstrou perante a minha teimosia em enveredar por lugares do conhecimento diferentes dos dele.

Agradeço à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa onde comecei o meu percurso académico e agradeço à Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa onde descobri a minha vocação.

Quero ainda agradecer a todos os professores que tomaram parte no meu percurso.

A todas as pessoas que me acompanharam de perto, em especial os amigos que me ajudaram a concretizar esta importante etapa da minha vida académica, os meus sentidos agradecimentos.

Dedico ainda estas palavras ao Miguel Sampaio onde, junto dele, redescobri a liberdade inerente à realidade, no enfrentar e na consciencialização de uma determinada melancolia Neo-Contemporânea.

RESUMO

Perante factos de carácter subjectivo e intersubjectivo, dialecticamente imbuídos na comunidade onde se insere Porto Brandão, pensou-se numa junção programática definida como Centro Comunitário e de Alto Rendimento, resposta arquitectónica às necessidades primeiras das pessoas deste espaço geográfico.

Aqui, procurou-se uma certa arquitectura, um método científico definido e uma busca processual incessante pela forma que origina uma espacialidade, que contem uma atmosfera ou ambiência específicas. Através de um longo percurso na descoberta do significado do que representa fazer arquitectura, concluiu-se que perante determinada solicitação programática, a criatividade inaugura um campo onde essa mesma criação impôs regras de âmbito técnico e funcional. Por outro lado, o acto de fazer arquitectura, pressupôs a descoberta de noções de cariz poético e estético que, devidamente acauteladas, através de uma constante superação dos factos inerentes ao próprio processo, vislumbram-se no próprio objecto arquitectónico. Também se antecipam as vivências, coisa maior e significado áureo da arquitectura. Essas formas de habitar lugares específicos, que pela mão do arquitecto são reveladas, com e através de pré-existências (nenhum lugar é vácuo), subtraindo ou adicionando a matéria suficiente para o desvelar intrínseco da natureza de cada lugar, são primordiais e são via para uma certa ideia de Património.

Assim, pensa-se que face a estes factos, está-se perante um ofício e uma forma de fazer arquitectura que, em última instância, representam uma oferta ao lugar.

Palavras-chave: Arquitectura, Dialéctica, Lugar, Centro Comunitário de Alto Rendimento, Pista Coberta de Atletismo

ABSTRACT

Given facts of a subjective and intersubjective nature, dialectically imbued in the community where Porto Brandão is located, a programmatic junction defined as a Community and High-Performance Center was thought of, an architectural response to the primary needs of the people of this geographical space.

Here, we seek a particular architecture, a defined scientific method and a constant procedural search for the form that originates a spatiality, which contains a specific atmosphere or ambience. Through a long journey in discovering the meaning of what architecture represents, it is concluded that faced with a given programmatic request, creativity inaugurates a field where that same appeal imposes rules of technical and functional scope, of a poetic and aesthetic nature that, duly taken care of, and always in dichotomous and dialectical action between them, through a constant discovery and overcoming of facts inherent to the process itself, the object is glimpsed. Experiences are also anticipated, a greater thing and the golden meaning of architecture. These ways of inhabiting specific places, which by the hand of the architect are revealed, with and through pre-existences (no place is a vacuum) subtracting or adding enough matter to reveal the intrinsic nature of each place, are primordial and are via for a particular idea of Heritage.

Therefore, it is thought that given these facts, we are faced with a craft and a way of creating architecture, which ultimately represents a gift to the place.

Key Words: Architecture, Dialectical, Site, High Performance Center, Indoor Athletics Track

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Torre S. Sebastião de Caparica.....	1
Figura 2: Asilo 28 de Maio e Torre de S. Sebastião de Caparica.....	I
Figura 3: Acesso Sul (vista do interior da propriedade)	II
Figura 4: Onde o Tejo e o Atlântico se encontram	9
Figura 5: Margem de Porto Brandão.....	12
Figura 6: “Horizonte-lirismo”	15
Figura 7: Miradouro	19
Figura 8: Torre de S. Sebastião de Caparica.....	23
Figura 9: Asilo 28 de Maio.....	25
Figura 10: Rio Tejo (vista do vale de Porto Brandão)	27
Figura 11: O mar	30
Figura 12: O horizonte	33
Figura 13: Em busca do sentido.....	34
Figura 14: Simulação tridimensional (vista de conjunto do Complexo)	52
Figura 15: Simulação tridimensional (vista do rio Tejo).....	53
Figura 16: Planta geral do complexo (sem escala).....	54

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA.....	V
RESUMO.....	VI
ABSTRACT	VII
ÍNDICE DE FIGURAS	VIII
1. O lar do corpo na definição da percepção dos lugares	1
2. Onde o Tejo e o Atlântico se encontram.....	6
3. Margem.....	10
4. Contemplar o “Horizonte-lirismo”	13
5. Finitude e sonho em Porto Brandão	16
5.1 Miradouro.....	17
5.2 Torre de São Sebastião de Caparica	21
5.4 O rio.....	26
5.5 O mar.....	28
5.6 O horizonte.....	31
6. Em busca do Sentido	35
7. Composição Programática.....	39
8. Dois sentidos e uma fórmula.....	42
BIBLIOGRAFIA:	56
ANEXOS.....	58

1. O lar do corpo na definição da percepção dos lugares

É da dialéctica entre o meio (consciência externa) e o corpo (consciência interna) inerente a qualquer ser humano que sucede a experiência fenomenológica. Experiência essa, decorrente da percepção do ambiente que envolve o corpo perante a especificidade de um determinado lugar. Assim sendo, a exteriorização dessa experiência, formalizada num objecto específico, é testemunho da consciência de um autor perante o meio que o envolve por via de uma determinada ambiência ou atmosfera caracterizante desse mesmo meio, ou desse mesmo lugar. Esse acumular de imaginário, define-se por “lar” e advém das experiências tidas pelo corpo enquanto receptáculo ou baú de conhecimentos. Conhecimentos esses, que na sua expressão tornada objecto, são definidores específicos do meio por via da percepção, e por inerência, preponderantes na assimilação ao estudo dos lugares habitados pelo “lar do corpo”.

É em função deste movimento, sempre circunscrito a um determinado período temporal, e que tem por circunstância as vivências de um determinado actor social que, no acumular de experiências perceptivas e sensoriais, elabora no objecto da sua obra a consciência perante os lugares que usufrui. É essa acumulação de experiências exteriorizadas, é de pertinência extrema para o estudo da realidade dos mesmos e de si mesmo. É aqui que nasce a noção de que um artista perante o meio, o torna objecto caracterizante. A mesma noção está em sintonia

com o que acontece no excerto do texto de Manuel Teixeira Gomes, em *Agosto Azul*:

“O pintor sabe fixar materialmente a parte que, na vida objectiva, pela sua fulgurante instabilidade melhor a reveste de ilusão poética: as quase inapreciáveis modulações do crepúsculo – nas síncofes da luz ou quando a luz se anuncia pululante ao primeiro grito da manhã –, tudo quanto, enfim, transparece de mais fugaz, mimoso e vário nos movimentos da natureza... Mas ele dilui as linhas em cromatizações finíssimas sem que por isso os corpos se imaterializem ou a vida pare. A ilusão sentimental que apenas dura momentos, furtando-se aos nossos mal depurados sentidos, ele a colgou para sempre em pedaços de grosseira tela... Os seus quadros são o comentário sagaz, a revelação perfeita do lirismo que toda a realidade encerra...” (Gomes, 1986, p. 41)

E é daqui que advém a lembrança de que cada um dos indivíduos está sempre perante a possibilidade de o fazer. Ou seja, através da obra, suscitar no outro uma determinada ambiência ou uma determinada atmosfera por via do objecto artístico, em função da sua própria realidade. Teixeira Gomes, no mesmo livro pontua ainda a sua narrativa acerca de imagens de cidades antigas da seguinte forma:

“Corremos à cidade antiga atravessando as ruas por onde ainda se empinam as vetustas edificações normandas, ampliando-se no ar sobre barrotes de madeira esculpida – braços estendidos sobre os quais cada pavimento sustém os andares superiores; e passando pela Igreja de Saint-Ouen demos-lhe repetidas vezes a volta exterior, devagar, deliciando-nos com a vista daquela aérea e eriçada construção, erguida em ogivas esguias na ramagem das nervuras, sem paredes, entre cem pináculos e coruchéus, amparada aos botaréus lavrados que se reforçam em arcobotantes de imenso raio, fincados no chão como pernas de santola. De qualquer dos lados o

conjunto é fantástico, mas olhando da abside tudo parece sair às costas a airosa torre de marfim, toda aberta e recortada, que transparece nas alturas através dos bordados de um tenuíssimo véu...

Depois, rapidamente, tocámos em Saint-Maclou cuja base pentágona, aberta em grutas mitradas de vazados triângulos de pedra, rompe com os cinco dedos de uma colossal mão chinesa soterrada, levantando com as unhas pontiagudas, entre brumas e arrendados, outra torre de cera ainda mais diáfana do que a de Saint-Ouen, mas rematando em flecha altíssima de arestas abrolhadas, que prendia as nuvens às madeixas, armando-as em estrigas de fiar...

Por estas duas adoráveis estações nos preparámos ao previsto, desejando deslumbramento; em frente à catedral demos por finda a romaria e ali lançámos ferro com regozijo muito comparável àquele que os Argonautas experimentaram ao varar o seu barco na praia Cólchida.

Era quimérica e de uma irreproduzível magnificência aquela renda tão larga e tão alta, segura aos lóbulos de ogivas isoladas, entre duas torres de aparência efêmera.

Coroadada por um trifório de relicário, mais subtil ao centro na rosaça desmesurada que a vai roendo, com faixas de enfeite transversais, miúdas galerias corridas sobre carrancas de gárgulas – galerias de tão leves e recortados alvéolos que poderiam ser obra de abelhas ou trabalho de agulha – e, entre sabastos iluminados os três pórticos profundíssimos da base a gorgulhar na inquietação de multidões repartidas – como nas velhas tapeçarias – em grupos de figuras moventes, a fachada do templo parecia agitar-se brandamente na sua realidade de prodigioso tecido, pendente ou ajustado aos relevos de um imenso cofre comido de laçaria. E para ornar esta impressão mais intensa – assim ao melhor quadro o caixilho ajunta força –, aumentando a ilusão de teia imponderável que se rasgava nos relevos de uma arquitectura falaz, lá estava o triângulo de pedra vazado, assente no pórtico central, que sobe pela fachada desamparadamente, alcançando-lhe quase o trifório onde remata...

Esses triângulos do gótico ruanês tão característicos e fantásticos, bastidores de pedra onde às vezes se prendem as largas malhas de uma rede filosela, emolduram os mais lavrados trechos dos monumentos, despregando as camadas de ornatos, com efeitos estereoscópicos, por gloriosas perspectivas... Minguava a luz, cerceando as torres; agulhas e florões das alturas empastavam-se de betume escuro; mas a torre da direita, em golpes ascendentes de ogivas lanceoladas, via-se crescer e subir para o céu entre gigantes espigados... Pouco a pouco, no crepúsculo cendrado daquela breve tarde de Inverno, torres e fachada se foram emaranhando, retraindo, dissolvendo, por gradações de musselina e fumo – pouco a pouco –, ao som das derradeiras harmonias soluçadas pela orquestra a esbaterem-se-nos na memória, vagas, largas, infinitas.” (Gomes, 1904, p. 44-46)

As paisagens ou a especificidade de determinados lugares suscitam este apelo: nelas e neles, e a partir delas e deles, é-se convocado a verbalizar um determinado sentido para uma determinada ambiência ou uma determinada atmosfera, decorrentes de uma experiência específica. Uma das razões de ser da percepção fenomenológica é o objecto poético que se substancia, numa vivência também ela existencial, da vida humana. É em função dessa vivência específica, que se formaliza no objecto arquitectónico, pela via de uma relação intrínseca com o lugar de Porto Brandão, que decorre o estudo da presente elaboração teórica, partindo sempre da premissa de que está ao alcance de cada um determinada análise que origina determinada obra. E que, é nessa assunção e nessa tríptica dialéctica, “lugar”, “eu” e “obra”, que se é convocado a invocar os mais nobres valores da existência, decorrentes da prática, do ofício de determinado empreendimento em prol dos outros, ou da comunidade, que recebe e acolhe, tendo sempre o poder de imortalizar ou esquecer esse rasto de vida

que passou na existência terrestre. É a isto, que a presente metodologia se propõe.

Dizia Manuel Teixeira Gomes, ainda em *Agosto Azul*, acerca de um tal de João dos Castelos o seguinte:

O João dos Castelos é que se não importava com as uvas, avançara para a ponta de uma rocha a pique sobre o mar, e de ali seguia o movimento dos batéis, que, embarcavam a marujama, vogavam rapidamente no rumo da esquadra. O Sol baixara quase a lume de água, abrasando de púrpura escarlate o céu e o mar; os dois batéis corriam direito a ele sobre um lençol de metal cadente, e desapareceram, derretidos, no encadeamento da luz. Vinha anoitecendo do lado de terra; os algarvios, fartos de uvas, dispersaram por caminhos diversos. Só o João dos Castelos, como que soldado à sua peanha de rocha, e todo envolvido nas últimas reverberações do poente, continuava estendendo para o horizonte o braço ameaçador, não sei se amaldiçoando o Sol, os ingleses, ou a sua própria sorte... (Gomes, 1986, p. 160)

É sobre essa veleidade, e com esse mote, encarnado em João dos Castelos, que se propõe inaugurar a decorrente pesquisa rumo ao horizonte, não uma viagem com braço ameaçador, muito menos amaldiçoando o que quer que seja, mas sempre com o intuito de enfrentar um horizonte que apela ao conhecimento, rumo a uma percepção que se pretende apurada da realidade.

Esta é a metodologia e o princípio relativo ao início do presente trabalho.

2. Onde o Tejo e o Atlântico se encontram

É esta realidade que se irá analisar “como que soldada à sua peanha de rocha”, no lugar de Porto Brandão, terra de pescadores, operários fabris, e de outras pessoas que chegam e também partem de outros e para outros destinos. Assim, no contexto da foz do rio Tejo, do oceano Atlântico e da cidade de Lisboa, impõe-se revelar a alma deste território.

A singularidade de Porto Brandão, assenta no facto de ser um local de privilegiada relação com a foz do rio e com a cidade de Lisboa.

Segundo José-Augusto França, no seu livro *Lisboa – História Física e Moral*:

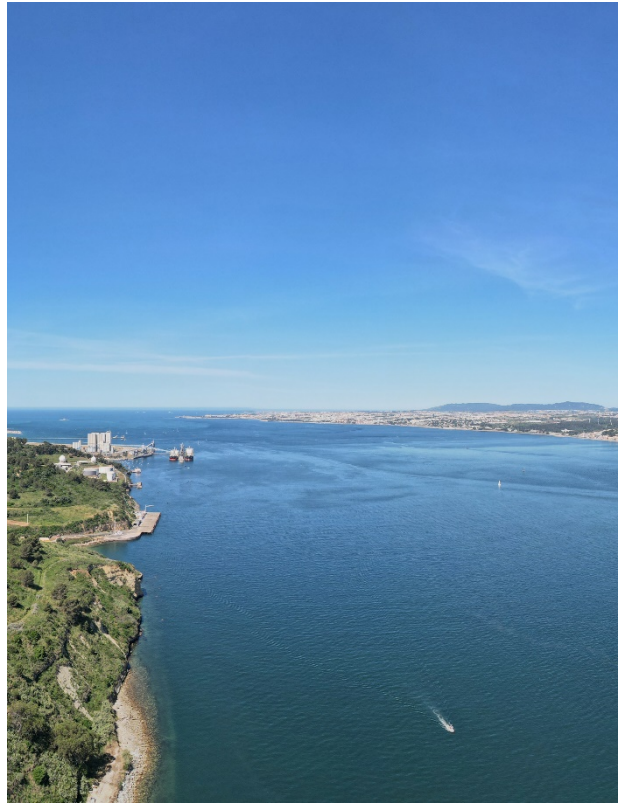
“O Tejo foi então a razão de ser da Lisboa pré-histórica – e “a região da (sua) foz destaca-se da regularidade generalizada da restante costa portuguesa”(Daveau,1994) Com efeito, se “dois imponentes promontórios rompem a continuidade da fachada ocidental da Península”, o cabo da Roca e o cabo Espichel, eles “abrigam duas vastas baías de águas mansas, que complexas reentrâncias prolongam para o interior” – e, numa delas, o Tejo, o rio mais longo da Península, leva muito longe as águas protegidas da baía de Cascais, tal como a sul, o rio Sado desemboca na outra baía, a de Setúbal. A vasta foz do Tejo faz directamente frente ao Oceano Atlântico – “Mar Tenebroso” que foi, ainda dos Muçulmanos, e até ao século XV português, à Conquista (ou desmistificação) do qual do Tejo partiram navegadores lendários primeiro, reais depois... A importância histórica (e poética) de Lisboa radica-se no Tejo e é indispensável

tomar em conta a via fluvial, que fornece um excepcional abrigo litoral de qualidade ímpar. Isso confere a Lisboa uma “posição única não só em Portugal mas em toda a fachada atlântica na Península Ibérica (Brito, 1976). A foz do seu rio, difícil de entrar se defendida, mais difícil é de sair, a isso impedindo Ventos desfavoráveis.” (França, 2009, p.16)

A imagem ampla que nos sugere a importância do Tejo, estendida aos territórios que o ladeiam a Sul da foz, que conformam a razão da posição geoestratégica do território onde se insere, é bem elucidativa da sua importância. Já Oliveira Martins, faz apanágio da especificidade deste território do seguinte modo:

“Portugal foi Lisboa, e sem Lisboa não teria resistido à força absorvente do movimento de unificação do corpo peninsular. Erguido em frente do mar como um anfiteatro cujos primeiros degraus as ondas constantemente aspergem, o território português, independente, adquiriu desta localização um carácter seu, ao mesmo tempo que nos habitantes de Portugal acaso uma diversa combinação de sangue favorecia uma tendência particular. Assim como, porém, as cristas das montanhas, e, pelo coração dos vales, o curso dos nossos rios são as veias e tendões que nos ligam ao corpo peninsular; assim também no nosso sangue elementos primitivos acusam o facto de uma origem e de uma raça irmã. (...) Portugal é um anfiteatro levantado em frente do Atlântico, que é uma arena. A vastidão do circo desafia e provoca tentações nos espectadores, arrastando-os afinal à laboriosa empresa das navegações, que era para eles um destino desde que a política os destacara do corpo da Península.” (Martins, 1879, p.42-43)

Aproveitando esta imagem que não refere directamente o rio Tejo, mas sim a vocação Atlântica do território no seu conjunto, podêmo-la comparar mesmo com Porto Brandão, enquanto vale pela sua forma, que é também ele, a outra escala, um “anfiteatro” distinto, que voltado para Lisboa sempre assistiu, ora expectante, ora interveniente, ao desenrolar da evolução histórica desta região.



*Figura 4: Onde o Tejo e o Atlântico se encontram
Fonte: fotografia do autor*

3. Margem

O significado de margem é amplo e diversificado. No entanto, aquilo que se quer afirmar como sendo caracterizador do local em estudo, prende-se com a natureza da faixa que delimita ou ladeia o rio Tejo neste local e, por inerência, estrutura-se à cidade de Lisboa influenciando todo o contexto paisagístico local.

Para que toda a amplitude do objecto de estudo seja consumada, o entendimento que decorre do presente estudo, é o de que a narrativa que sustenta a elaboração de um historial com sentido, vá de encontro aos outros factores elencados e que deles faça parte em uníssono. As pré-existências existem e conformam todo o imaginário histórico da defesa da barra, tanto ao nível bélico, séculos XV e XVI, como no que concerne ao sentido de higienização pensado no século XIX e, por inerência, toda a cidade de Lisboa. Ao se abordarem os argumentos aqui apresentados, crê-se que num amplo sentido eles só se sustentam porque existe de facto uma outra margem com distintas características. Estas, ao contrário, não se desligam de toda a lógica aqui abordada, mas são um complemento expectante, no que toca a uma releitura daquilo que é o entendimento e o sentido novo que se pretende para esta especificidade, dentro da narrativa geral.

A exposição a norte da encosta, com uma luz que vem de Sul, são elementos caracterizantes desta margem. Quando apreciada de Lisboa, no Verão, em dias de céu azul, a outra encosta apresenta uma silhueta verdejante e contrastante com a cor do rio Tejo. Muito menos humanizada, por comparação com o aspecto que se constata da margem de Lisboa vista da Raposeira ou de Porto Brandão, esta é mais “selvagem” por oposição, sendo todo o seu esplendor verificável na maneira como se vocaciona para ser receptáculo de todo o envolvimento paisagístico a Norte, não tanto pelas condições de acolhimento humano que não possui, mas por este apelo à contemplação que a cidade de Lisboa sugere.

É de salientar e sublinhar ainda, que esta invocação se une a toda a restante paisagem, na medida em que este território é parte inerente a todo o cosmos nela representado.



Figura 5: Margem de Porto Brandão
Fonte: fotografia do autor

4. Contemplar o “Horizonte-lirismo”

Quando nos alocamos de um sítio alto onde se tem uma vista desafogada, fica-se com a sensação de que se vê para “além de” ou “para lá de”, algo concreto e misterioso que não se sabe quantificar, nem “à priori” qualificar. Isso remete para a ideia de infinito. No entanto, *“o horizonte terrestre não é um verdadeiro horizonte, na medida em que não é homogêneo (recto) nem inalcançável. Não é inalcançável porque se pode continuar a andar até chegar àquele ponto longínquo que se viu ao fundo. O horizonte vai, assim, desmultiplicando-se, mas sempre num horizonte subtilmente diferente, com ocorrências específicas: pedras com uma forma particular, árvores ou arbustos, eventualmente casas. Há, com o horizonte terrestre, uma relação “cartesiana”: pontos e localizações que cabem nos mapas. É geo-gráfico.”* (Abreu et al., 2023, p.16). é a condição da qualidade do horizonte aqui apresentado, o da cidade de Lisboa vista do Vale de Porto Brandão, nomeadamente visto através da sua encosta poente, que serve também de base à ideia romântica de deambulação e contemplação da cidade vista de fora. Ele não se esvazia no sentido do habitar de maneira física, mas, neste caso sugere um habitar no sentido mental do termo. Todo o imaginário que oferece vai de encontro à noção de que, ao contrário do tipo de horizonte marítimo (misterioso e lírico), este é bem concreto e alcançável.

No seu poema sobre Lisboa Sophia de Mello Breyner Andresen diz o seguinte:

*“Digo:
“Lisboa”
Quando atravesso – vinda do sul – o rio
É a cidade a que chego abre-se como se do seu nome nascesse
Abre-se e ergue-se em sua extensão nocturna
Em seu longo luzir de azul e rio
Em seu corpo amontoado de Colinas –
Vejo-a melhor porque a digo
Tudo se mostra melhor porque digo
Tudo mostra melhor o seu estar e a sua carência
Porque digo
Lisboa com seu nome de ser e de não-ser
Com seus meandros de espanto e insónia e lata
E seu secreto rebrilhar de coisa de teatro
Seu conivente sorrir de intriga e máscara
Enquanto o largo mar a Ocidente se dilata
Lisboa oscilando como uma grande barca
Lisboa cruelmente construída ao longo da sua própria ausência
Digo o nome da cidade
– Digo para ver”
(Andresen, 1997)*

E aqui se constata e se afirma que, como a poetisa desvenda, ao se sustentar na afirmação final, *“Digo para ver”*, que quanto mais se verifica e analisa os meandros da cidade à beira-rio plantada, mais se vê e, por certo, mais concreta e real esta se torna, ou seja, ela é finita e portanto qualificável, não menos lírica.



*Figura 6: “Horizonte-lirismo”
Fonte: fotografia do autor*

5. Finitude e sonho em Porto Brandão

“Num árido e abrupto vale, habitado apenas pelo rumor longínquo do rio lutando para conseguir passar entre as estreitas fragas, uma voz disse-me que só estamos aqui de passagem, que a nossa estadia na terra é temporária. Sentado nas pedras, aprendi que essa voz, atravessando aquela solidão arcaica e silenciosa, era o próprio rio, imparável. (...)” (Chafes, 2014, p.39)

5.1 Miradouro

Habitar um miradouro, cuja amplitude visual abarca o rio, a quase totalidade da silhueta da cidade de Lisboa, Oeiras a ponte e a foz do Tejo juntamente com o céu, é de um compromisso singular. É então necessária uma visão de conjunto para representar e pensar sobre algo assim. E é nessa medida que se entende, que esta singularidade deve estar ao alcance de todos os que pretendem reflectir sobre as temáticas decorrentes do que aqui se escreve. Tanto os temas da cidade, como as do rio mais extenso do país e respectiva história, permitem fazer um futuro novo a partir do que já se fez, e consecutivamente concluir acerca daquilo que é possível abarcar na sua quase totalidade. É uma vista de conjunto, é certo, mas deve ser dada a oportunidade dessa visão a todos os que, embrenhados na problemática das suas próprias vidas, pretendem reflectir também sobre uma visão globalizante e geral.

Na cidade de Lisboa existem vários miradouros. O da Senhora do Monte, o de São Pedro de Alcântara, o do Castelo, o do Monte Agudo, o do Ascensor de Santa Justa, entre outros, e em todos eles existe a particularidade de se observar desafogadamente a cidade a partir de um seu ponto interno. A reflexão fisicamente interna acerca de uma paisagem, não promove o devido distanciamento nem a devida mudança de tom ou variação acerca daquilo que se

pensa como cidade. E é com este intuito concreto que se quer fazer deste ponto específico (Quinta do Lazareto), um local abarcável pela maioria e por todos aqueles que pretendem reflectir acerca dos destinos de Lisboa e, por inerência, Porto Brandão.

“(...) senti de novo falta da ofuscante e excessiva luz do sul, a luz que transforma tudo o que é real numa hipóbole da realidade: o exagero de realidade, aqui, parece afinal ser exactamente a sublimação desse real. Mas não é, é apenas o desvio que exige de nós um muito maior esforço para ultrapassar a evidência da realidade. O que se passa debaixo da crueza da luz do sul é uma forma de benevolência mascarada de impaciência: aceitamos as imperfeições do real com a mesma voracidade com que devoramos (ou desejamos devorar) as suas perfeições. É nesse implacável balanço entre peso e leveza, entre agrura e doçura, que os povos do sul sempre construíram, no meio do maior caos, a grandeza arcaica do seu destino. (...)”
(Chafes, 2014, p.24)



Figura 7: Miradouro
Fonte: fotografia do autor

É esse destino que é pertinente repensar, e aqui se é convocado a ampliar a noção da “evidência da realidade”, por forma a construir o puzzle daquilo que é abarcável e existe como construído, e o que é o sonho ou a necessidade de futuro latente nos desejos da comunidade. E assim, surge a ideia de um determinado uso, de acordo com esta convicção.

Para este local, pensou-se num Centro de Alto Rendimento e Comunitário para atletas e população de Almada no seu todo, tendo também eles uma “voz”, ainda mais cristalina, naquilo que é o pensar acerca de Lisboa, de Almada e do que se pretende como representação e pensamento nítido, acerca dos destinos do seu próprio território na relação com os da sua própria comunidade.

5.2 Torre de São Sebastião de Caparica

“Na margem sul do Tejo, entre duas pequenas enseadas do Porto Brandão e da Paulina, situa-se o lugar onde se ergueu a mais antiga fortificação portuguesa expressamente destinada à defesa marítima” (Sousa, 1997. p.11)

Visto do rio, *“como que soldado à sua peanha de rocha”*, surge o complexo do conjunto edificado da Torre de São Sebastião de Caparica, oposto à Torre de São Vicente, mais conhecida como Torre de Belém.

A percepção de que existe algo de extraordinariamente relevante para a composição da história do rio Tejo e terras confinantes, não é “à priori” evidente. Este conjunto, pela sua natureza e essência, circunscreve-se a um tipo de edificado de cariz marítimo/defensivo que, na continuidade da falésia, se insurge escorrito. O seu aspecto camuflado é próprio dos materiais, sedimentos e camadas que, ao longo dos anos, o compuseram e lhe deram a aparência que tem hoje.

Numa incursão por terra, também não é notória a sua existência aquando da aproximação ao lugar, onde por contraste existe o Asilo 28 de Maio (Lazareto Novo) e o seu edificado anexo, exuberante. Só muito persistentemente é que se consegue chegar

a ele, primeiro avistando um baluarte a cota baixa em relação ao terreno e cuja entrada enquadra um terreiro, o Tejo e a margem de Belém. Atravessada a soleira de entrada, é nesse campo visual que se detém a mais impactante e persuasiva das imagens, tudo o resto, ou seja, toda a construção existente advém de uma funcionalidade que já não possui. Não fosse essa a caracterização própria de uma ruína, e o tempo encarregar-se-ia de enfatizar a sua natural apetência para, qual esqueleto que insiste em contrariar a lei da decomposição, falar do seu próprio finamento.

A natureza do seu uso findou, resta-nos a pré-existência com a qual temos de lidar. O local geoestratégico que outrora assumiu, desvaneceu-se no tempo e, agora, todo o conjunto nem sequer é amparo, tal a rudeza da sua própria existência. No entanto, pelo contraditório privilégio da perspectiva visual que alberga, remete sempre para um impulso lírico, de um outro tempo, tornado agora avesso à contemporaneidade que o circunscreve e encerra.

É daqui decorrente a ideia de que, aos elementos históricos com esta tipologia e nobreza, se deve dar espaço e com eles dialogar para um presente tornado futuro outro. É um resquício de um tempo que existiu e de onde se pode apenas contemplar a sua plena finitude. Não o do seu contexto próximo, mas o da sua própria temporalidade. Contemplar uma ruína desta natureza, é também lembrar que tudo o que se constrói e se concretiza *“é feito de ruínas inacabadas e é uma paisagem de desistências que definiria o ser.”* – (Soares, 1930)



Figura 8: Torre de S. Sebastião de Caparica
Fonte: fotografia do autor

5.3 Asilo 28 de Maio

Dada a imponente deste conjunto edificado, visto sobre o rio e em terra, também desprovido de funcionalidade desde que as noções epidémicas se alteraram no início do século XX, nem tanto pelo seu significado, mais pela escala tipológica que apresenta, é notório o forte cariz descontextualizante que apresenta, tanto pela sua imponente desmesurada, como pelo uso, importante à época. E foi de facto importante, a dada altura, tentar conter as epidemias que se propagavam nas cidades populosas.

Agora, sem *“humor nem penitência”* (Bordalo Pinheiro, 2020), pretende-se propor uma nova função para o edifício, ao incorporá-lo em toda a lógica do plano urbano aqui tratado. A pujança edificatória existe, logo, ter-se-á de se deter nela. É pelo seu predomínio topográfico que vale, enquanto objecto notável. O seu corpo constituído por seis alas, decorrentes de diferentes fases de internamento, não são propriamente arquitectónicas no pleno sentido do seu termo. Mas, pela notória escala em que se apraz, fica evidente a sua nova função para nobre uso. É aqui que se institui a necessidade de oferecer à comunidade, aproveitando todas as suas características expectantes, um Centro Comunitário e de Alto Rendimento.



*Figura 9: Asilo 28 de Maio
Fonte: fotografia do autor*

5.4 O rio

“A fronteira não corresponde ao ponto em que algo termina, mas antes, como os Gregos reconheceram, ao ponto em que algo inicia o começo da sua existência.” (Deplazes et al. Apud Heidegger, 2022, p. 19)

Pode-se afirmar que foi no rio Tejo, que se iniciou a epopeia desta comunidade que originou toda a história da população portuguesa. Assim sendo, e deixando de o confirmar com aspectos e episódios históricos que são do conhecimento comum, interessa, pois, em função da sua contextualização em Porto Brandão, afirmar que, em quinze minutos, se liga Lisboa a este local por via marítima. Apesar da curta distância espaço/temporal, a realidade presenciada em Porto Brandão, é diametralmente diferente. Em função do rio e da sua importância, este território alude a uma nostalgia do passado, com um casario de uma escala que remete para o melhor das aldeias. É surpreendente a forma como acolhe e recebe quem chega, e conforta quem dali parte. É sobretudo de uma evidência atroz, a potencialidade que encerra junto do rio na sua vocação para ser algo outro que há-de vir a ser. Porto Brandão e o lugar para o qual remete, anuncia um cuidado e sensibilidades que se devem ao rio e às histórias que este encerra.



*Figura 10: Rio Tejo (vista do vale de Porto Brandão)
Fonte: fotografia do autor*

5.5 O mar

“Muito mais do que um elemento paisagístico, o mar é um apelo que não cessa de ecoar no ânimo de cada português, podendo uma vossa poetisa celebrá-lo como «mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim» (S. de Mello Breyner Andresen, Mar sonoro). À vista do oceano, os Portugueses são levados a reflectir sobre imensos espaços da alma e sobre o sentido da vida no mundo (...). Segundo a mitologia clássica, Oceano é filho do céu (Urano): a sua vastidão leva os mortais a olharem para cima elevando-se para o infinito. Ao mesmo tempo, porém, Oceano é filho da terra (Gea) que abraça, convidando assim a envolver de ternura todo o mundo habitado. Com efeito, o oceano não liga apenas povos e países, mas também terras e continentes; por isso Lisboa, cidade do oceano, lembra a importância do conjunto, a importância de conceber as fronteiras, não como limites que separam, mas como zonas de contacto.” (Francisco, 2023, p. 16-17)

De acordo com o pensamento transmitido pelo responsável do Vaticano, aquando da sua visita a propósito das Jornadas Mundiais da Juventude, perante os responsáveis máximos da sociedade portuguesa, o líder da igreja católica apostólica romana, exprimia ao mundo, o cânone da portugalidade. Esse cânone ou causa primária, intrínseca a cada português, revelação essencialmente dialéctica consumada através da

primazia da palavra, levada a cabo pelo meio, a pessoa e o discurso, caracteriza a Portugalidade em pleno Verão de 2023. É dito, acerca da importância da especificidade, qualidade inerente a cada português, o que de mais essencial há na natureza de cada cidadão de Portugal: o mar e o seu apelo ao contacto. Ao mesmo tempo é definido esse tipo de contacto da seguinte maneira: sede de infinito, que abraça de ternura o mundo habitado.

É esse abraço alcançável, sugerido pela liquidez do mar português, rio Tejo e oceano, que se apela em Porto Brandão, no Centro Comunitário e Alto Rendimento.

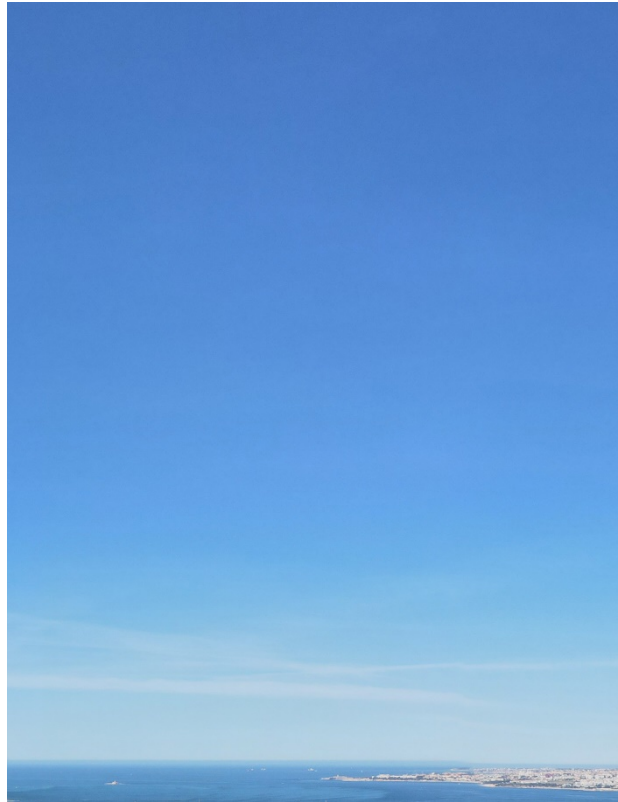


Figura 11: O mar
Fonte: fotografia do autor

5.6 O horizonte

A relação com o horizonte finito, ou seja, aquele se poderá alcançar, é uma relação em suspenso, já que, antes de atingir a meta de lá chegar, permite-se vislumbrar a tangibilidade do atingível. Dito de outra forma, ao se analisar a beleza decorrente da perspectiva visual inerente ao local onde se situam, tanto o Lazareto Novo como a Torre Velha, o panorama da cidade de Lisboa, do rio Tejo, e de todas as povoações intrínsecas à Foz, poder-se-á chegar à conclusão de que o horizonte terrestre se apreende com uma força arrebatadora.

É desse impasse, entre estar e poder vir a estar, que se caracteriza a noção de que algo no futuro poderá ser alcançável. Ou de que uma ambição pessoal, o desejo de se ver cumprido algo, está a escassos metros de distância. Uma milha náutica é o espaço que decorre da distância entre a Torre de São Sebastião de Caparica e a Torre de São Vicente em Lisboa. Num momento histórico não muito longe do nosso, vislumbrava-se um horizonte terrestre em que apenas sobressaiam as construções à época, tais como o Mosteiro dos Jerónimos, a Ermida de São Jerónimo, entre outros. O restante seria de cariz paisagístico.

O termo panorama é aqui evidentemente pertinente, no sentido em que pela força arrebatadora da paisagem, se é convocado a deter

nela de forma dominante. Esta dominância é própria da experiência e, por seu turno, adquire aqui um significado distinto através da arquitectura do Centro de Alto Rendimento e Comunitário.

É como se os atletas e utentes do Centro de Alto Rendimento e Comunitário, tivessem a oportunidade também eles, de perspectivar novos imaginários antecessores de um qualquer objectivo pessoal importante. Pensa-se que este local é mais propício a perspectivar objectivos pessoais do que qualquer outro. De frente de um horizonte terrestre, alcançável e mensurável, é propícia a superação interior através do arrebatamento da paisagem não por si só, mas pela prática do desporto como exemplo, ou a práticas de cariz comunitário, que levem à sensação de um objectivo pessoal alcançável.



Figura 12: O horizonte
Fonte: fotografia do autor



*Figura 13: Em busca do sentido
Fonte: fotografia de Daniela Saavedra*

6. Em busca do Sentido

“(...) é uma arte onde a forma não se separa da construção de uma relação social, mobilizadora de uma capacidade que pertence a todos. Não se trata do velho sonho vanguardista da dissolução das formas de arte nas relações do mundo novo. Trata-se de assinalar a proximidade da arte com todas as formas em que se afirma uma capacidade para a partilha ou uma capacidade partilhável.”(Rancière, 2022, p. 24)

Esta é a confissão explicativa do porquê de o aluno, tomar as rédeas deste ofício, o de projectar a arquitectura em função do seu processo e testemunho pessoal, tendo como fim último a salvaguarda do sentido de “comunidade” aqui presente.

Só através da especificidade dos lugares e das pessoas que lhes dão sentido, se pode ambicionar a uma súpula de elementos culturalmente distintivos e caracterizantes de uma dada porção de território. É do desvelar de tais elementos, anteriormente elencados, e intrinsecamente encarnados no acto, no ofício, e no processo de fazer arquitectura, que se está em condições de submeter ao escrutínio das gerações vivas e das que hão-de vir, a pertinência de tal empreendimento. Se o acto de fazer tem como princípio a assunção das condicionantes, advenham elas de pressupostos funcionais ou fenomenológicos, o resultado último da obra é a confirmação de que todas estas são superadas e que dessa superação nasce a obra arquitectónica.

Se para o aluno, a acção de projectar constitui como fim último a “comunidade”, e se tal facto se assume

como portador das condicionantes inerentes ao processo que resulta da prática, então, pensa-se estar em condições de explicar o porquê de tal atitude se protagonizar na superação das mesmas, ou seja, na obra em si.

O artista, para Rui Chafes, mas poder-se-ia dizer o mesmo, do arquitecto e da obra arquitectónica enquanto arte, *“exprime o instinto espiritual da humanidade, traduz a tensão do homem em direcção ao eterno ou a uma qualquer forma de transcendência. A arte transporta em si uma nostalgia do ideal e exprime sempre a sua procura. A música de Bach ou de Vivaldi ecoará para sempre nas falésias de mármore que nos aprisionam e será sempre a nossa única evasão possível. O artista, no seu movimento para o Ideal, perturba a estabilidade de uma sociedade. A sociedade aspira à estabilidade, o artista aspira ao infinito. É essa a responsabilidade do artista e o sacrificio espiritual que lhe é exigido: com a sua consciência especial e a sua rigorosa demanda da momentânea verdade absoluta, ele vê as coisas antes dos outros e oferece-as ao Mundo mesmo se, por vezes, possam parecer apenas feridas abertas e vulneráveis. A arte coloca questões e dúvidas, instaura perturbações. Ela é a consciência da memória e da estrutura emocional de um espaço.* (Chafes, 2014, p. 49)

Em última instância, o elemento caracterizador do projecto de arquitectura é o sentido de comunidade que este protagoniza. Só a partir deste sentido, entenda-se, o de “comunidade”, é que a arquitectura poderá passar a fronteira do memorável. Ou seja, elemento fundado num determinado lugar, para as pessoas desse espaço cultural e geográfico, que lhe dão vida e sentido, sempre no intuito dessa dialéctica conter a capacidade de oferecer a função imortalizante que a inúmera cidadania e gerações futuras adoptem como sua: a ideia de património.

A propósito do fim último do objecto arquitectónico, lembre-se a síntese de Eduardo Lourenço, no intuito de acelerar a percepção última a que a obra de arquitectura se propõe:

“O que caracteriza o património cultural de um país é o seu carácter intrinsecamente irreal, simbólico. O seu capital ou a sua essência é de ordem memorial. Quer dizer, a sua capacidade de escapar ao tempo que o viu nascer, por suscitar em épocas futuras não só uma emoção e um sentido análogos aos que incarnaram quando surgiram, mas uma espécie de aura imortalizante, suplementar, de um passado mais fulgurante que o puro presente. Todas as obras humanas têm o seu tempo contado. Mas não da mesma maneira. Aquelas que camoneanamente nos existem para lá do fogo que as consome, escapando «à lei da morte», são justamente aquele fantástico panteão memorial de nós mesmos que chamamos «património»: aquelas obras que com intenção ou sem ela encarnaram a pulsão e a paixão da imortalidade que as criaram ou inventámos para ser imaginariamente os deuses que não somos.

Desde os tempos mais obscuros os homens deixaram e confiaram às mais perduráveis matérias, sílex, bronze, mármore, o poder de resistir ao tempo e figurar os deuses sem morte que nos sonhamos. Que são por essência os guardiões da cidade humana. Desse diálogo sem mais interlocutores que nós mesmos como deuses supostos nasceram os ídolos de que fiamos a nossa salvação, os templos a que antes de mais rezamos a nós próprios, a prodigiosa procissão de imagens e estátuas, cartas, livros, poemas que constituem a única Odisseia da alma humana e, uma vez inventada, a pátria ou memória colectiva a que chamamos Património. Pátria nossa e pátria de todas as culturas, que a humanidade é uma só. Das estátuas imemoriais da Babilónia sacrificadas à loucura fanática de bárbaros de uma espécie desconhecida, recebemos a mesma ferida incurável que receberíamos se os nossos Jerónimos pátrios se convertessem em cinza. Património é tudo o que de século em século se conserva como se fosse uma única chama o esplendor nenhum e sem fim do nosso coração imperecível e prometido à morte.” (Lourenço, 2015, p. 54)

7. Composição Programática

O lote onde se insere o Centro de Alto Rendimento e Comunitário, apresenta uma área aproximada de 130 000 m² e exibe uma taxa de ocupação de 61%.

A pista de atletismo coberta insere-se num espaço de 21 904 m², as residências e cantina ocupam 4 719 m² e o estacionamento coberto apresenta uma área de 10 079m² com 318 lugares.

A área total correspondente ao centro comunitário que está inserido no Lazareto apresenta uma área de 5 560 m². E o centro de cerimónias para atletas medalhados que se insere na Torre de São Sebastião de Caparica, apresenta uma área de 1 188 m². O elevador panorâmico, acesso nascente ao complexo, apresenta uma área de 518 m² de implantação.

As residências dos atletas de alta competição e respectiva equipa técnica, ficarão distribuídos num total de dois pisos em 42 quartos. Os quartos são duplos e apresentam uma área de cerca de 45 m² cada um. A cantina apresenta uma sala de refeições de 676 m² e a restante área técnica distribui-se num total de 1000 m². A área técnica da cantina é composta por cozinha, despensa do dia, balneários masculinos e femininos, arrecadação, zona de lixos e zona de cargas e descargas.

O Centro Comunitário está distribuído por três alas do Lazareto que correspondem aos espaços menos degradados do edificado. Cada ala é composta por espaços multidisciplinares para consultas clínicas e reuniões, bem como para palestras para o público. O carácter abrangente destes espaços permite um uso não invasivo das alas, sendo

as mesmas compostas por divisões temporárias em função das necessidades. Nestes espaços apenas ficaram as paredes exteriores e as paredes portantes relativas à parte estrutural do edifício. Cada ala apresenta um espaço de 548 m² o que perfaz um total de 1644 m². O restante edifício do Lazareto assim como a Torre Velha serão uma ruína habitável, já que só estas três alas é que albergam o chamado Centro Comunitário, e os espaços exteriores da Torre é que dão lugar ao centro de cerimónias.

A partir do baluarte superior da Torre de São Sebastião de Caparica, acede-se ao centro de cerimónias do complexo. Neste caso, optou-se por fazer apenas uma limpeza de toda o complexo edificatório por forma a criar as condições mínimas de habitabilidade para o novo uso. Uma vez que a temática do presente exercício se prendeu com a arquitectura contemporânea que se acrescentou às pré-existências, pensou-se apenas em evidenciar aquilo que corresponde ao construído, por forma a potenciar ao máximo a evidência deste conjunto histórico. Tanto o baluarte inferior, que se pensa existir por baixo do casco do passadiço existente, como o dispositivo intermédio escondido em parte pela vegetação, ficam assim mais visíveis e poderão ser alvo de futuras intervenções mais especializadas neste tipo de edifícios.

Passamos agora à descrição da pista coberta propriamente dita, uma vez que foi neste edifício que se concentrou a maior parte do processo evolutivo e construtivo de todo o projecto. Uma das premissas do exercício proposto, teve a ver com o facto de se poder criar uma pista de atletismo coberta para treino e eventos desportivos. Esta tem uma área de implantação de 21 904 m² e possui 2296 lugares

sentados. A cobertura do estádio apresenta um vão menor de aproximadamente 122 m. Para sustentar a cobertura ao longo de todo o estádio, optou-se por um sistema de pilares e treliças, em que a secção do pilar tem 1 m x 6 m aproximadamente e a treliça assenta entre pilares numa viga e numa espécie de amortecedor. A treliça é formada por perfis HEB 30 e HEB 20. A cobertura é feita em painéis *sandwich* e arqueada por forma a vencer o vão. Existem espaços técnicos para acesso à mesma por forma a poder ser feita a manutenção.

Na cave do estádio, ou seja, no seu piso -1 estão as áreas técnicas. Existem também as instalações sanitárias para serem usadas excepcionalmente pelos expectadores em dias de eventos. Para além dessas instalações, existem também o ginásio para os atletas, o centro de fisioterapia e o de monitorização.

8. Dois sentidos e uma fórmula

A presente memória descritiva, tem por princípio a convicção de que só se pode antecipar aquilo que é a obra construída por via do projecto de arquitectura, e da respectiva descrição fenomenológica da mesma. Sendo a obra construída, o resultado do projecto de arquitectura e do processo fenomenológico que lhe é inerente, é entendido que na forma está o resultado de inúmeros elementos que a conformam, ou seja, que lhe dão sentido, a começar por aspectos culturais relativos à própria geografia onde a obra está inserida. Entende-se que, de acordo com esta conformidade, surgem como resultado, inúmeros elementos que se lhe coadunam, ou seja, que lhe dão sentido. A começar, por aspectos culturais relativos ao lugar onde esta proposta está inserida, outros de natureza subjectiva e intersubjectiva e, por fim, outros ainda de carácter criativo, em função de determinadas premissas impostas no decorrer do processo, de carácter funcional, programático, dimensional e daquilo que é relativo ao próprio objecto territorial onde se insere. É do cruzamento de todos estes elementos que resulta o texto descritivo da obra de arquitectura que aqui se propõe.

A pautar a subida da Rua 1º de Maio, pronuncia-se o Largo Carlos da Maia, cuja inflexão a Poente alberga na sua extremidade uma antiga hospedaria de três pisos, e um portão trabalhado de ferro forjado que, como uma pausa fulgurosa na caminhada, separa o exterior do interior da propriedade.

Passado o portão, e as duas árvores de grande porte que ladeiam o caminho intercaladamente, que por si só sinalizam juntamente com o largo e a antiga hospedaria, um efectivo marco de entrada na propriedade, caminha-se lentamente tendo a oeste a arriba do cabeço poente do vale de Porto Brandão, e a Este, ao longo do caminhar, sente-se uma predominância cada vez mais acentuada sobre o lugar de Porto Brandão.

No decorrer do caminho, está-se amparado de tal maneira, que no sopé que apresenta o acesso onde se percorre o eixo imaginário Sul/Norte até à praça, vislumbra-se sempre o cabeço oposto do vale e do casario que o compõe. Aos poucos, o enquadramento inicial vai-se diluindo, para dar lugar, em vez do cabeço a este, ao leito do rio e à cidade de Lisboa.

No exacto momento em que se apresenta o rio Tejo a nascente, a Cidade de Lisboa a Noroeste e o Asilo 28 de Maio a Sul, sobe-se uma rampa ou uma escada. E à altura de precisamente 50 metros em relação ao nível médio das águas do mar e de 5 metros em relação ao anterior nível do percurso, está-se perante a grande praça do Centro Comunitário e de Alto Rendimento, delimitada pelo Lazareto, pelas residências dos atletas e cantina comunitária, e pelo morro ou cabeço que acompanha desde o início da entrada o recinto da propriedade. Esta porção terrena de limite, dilui-se agora na Praça, dando-lhe sentido na sua planimetria e intensificando o contacto visual extensível a todo o construído envolvente. Está-se perante o início da intervenção.

Neste caso, o centro é a praça, e a pré-existência (Asilo 28 de Maio) incute a sensação do tempo passado

com uma carga monumental, não do ponto de vista do sentido do monumento, mas na perspectiva da escala colossal em que este se apresenta. Através da forma que se extraiu, e que originou agora um vazio que em planta é um arco em forma de ferradura, anuncia-se uma pronunciada entrada no Lazareto que se vislumbra neste topo com três degraus a eixo. Esta diferença de níveis suscita para além da forma, um respeito pelo que está estabelecido inevitavelmente como premissa no território. Neste caso, aquilo que já existe assume-se com a força suficiente para existir e dar lugar ao novo. Esta novidade, inerente à escolha programática, remete para uma função que encerra uma formalidade diferente do habitar, explicada mais adiante. Ao longo do caminho que antecede a entrada no edifício antigo, apresenta-se uma colunata coberta, abrigo das intempéries que se fazem sentir em épocas cujas condições atmosféricas são mais agrestes.

À ruína do edifício antigo não foi adicionada nenhuma espécie de modificação formal, morfológica ou de materialidade, apenas a decorrente do tornar minimamente possível a habitabilidade dos espaços para uso do seu interior. Nos novos espaços complementares que reflectem a nova natureza desta zona do projecto, houve o intuito de materializar a sua relação com a pré-existência e a envolvente. Em vez da adição, optou-se neste caso pela subtracção do miolo, cuja fachada principal, agora, abraça e respeita toda a praça, virando-se a Sul, cativando luz e espreitando serenamente quem lá permanece.

Os planos do edificado novo são em reboco de um branco antigo e sem brilho, levemente contrastante com a patina do antigo edifício do asilo, que introduzem a ideia de abrigo humanizado, e que na relação com o casario envolvente da paisagem, sugerem eles próprios a noção de casa dos atletas e utentes. As cantarias em lioz abancado, envolvem os vãos, como que trazendo à memória outros edificados também familiares a esta paisagem. Até a escala, por comparação com a da pré-existência, é mais contida e atarracada, sugerindo a ideia óbvia de permanência e convidando à habitabilidade num sentido mais perene. Não existe uma entrada única como definição de átrio apenas, mas sim a possibilidade de, ao longo do alçado, se permitir a incursão para o interior através de várias portas contidas ao longo da galilé, tornando a praça porosa diante desta extremidade.

A noção de se ser abrigado facilmente face à intempérie, advém do simples facto de neste território existirem condições atmosféricas bastante rigorosas. A possibilidade do vazio central (praça) pontuar todo o plano, com multifunções diversas em face de condições meteorológicas distintas, é um passo convicto deste programa, com a ideia de tornar o habitar por parte de quem chega, e de quem permanece, numa percepção alterada, contrária agora à inicialmente encontrada, e que se pretende de uma doçura plena por contraste com uma determinada aspereza decorrente da natureza própria do lugar. É este combate entre aspereza e doçura que, devidamente cuidado e balanceado, se projecta na criação de todo o edificado proposto no Centro Comunitário e de Alto Rendimento.

O interior das habitações dos atletas corresponde a uma tendência de tornar visível sempre, no percurso para os quartos, através de galeria, a relação evidente, contínua e contida entre interior e exterior, tanto da praça, como do lazareto novo, como da paisagem a poente, como da pista coberta (momento áureo de todo o exercício e meta função da actividade do alto rendimento). E, já no interior dos quartos, é possível apreciar através dos vãos, o nascer dos dias, a luz decorrente de cada estação do ano, o rio, a cidade de Lisboa, e o acesso vertical que se projectou, no âmbito de proporcionar uma entrada o mais inclusiva e funcional possível a todo este empreendimento.

Pensa-se que este acesso será um dos mais concorridos, na medida em que oferece ao utilizador, uma vista panorâmica de acentuada beleza e, ao mesmo tempo, ao contrário do percurso inicialmente retratado em que se acentua uma leitura de um eixo Norte/Sul, torna-se evidente por opção de projecto, uma relação de quem chega a este lugar por esta via, um eixo Nascente/Poente, que atravessa todo o complexo de acordo com esta direcção até à pista coberta de atletismo. Ambas as possibilidades são possíveis e caracterizantes em uníssono da abrangência e do carácter desta proposta na relação específica que a mesma pretende doar ao lugar.

É de salientar ainda que, por baixo do nível da praça, se encontra o estacionamento subterrâneo. Este lugar não só é funcional por apelo à necessidade de albergar automóveis e respectivos condutores de forma efémera, mas também, dentro do que o transitório permite, possibilita um olhar rasante e horizontal ao longo de toda a sua extremidade. Esta, acompanhada de colunas

com ritmo acentuadamente célere mas que, qual cave onírica e espessa, apresenta uma relação sempre enquadrada, de uma luminosidade específica, para uma certa ideia de vale altamente relacionado com o rio Tejo, que se verifica demasiadamente terrena por oposição ao lirismo da superfície. Daqui também se pode chegar ou partir do miolo da intervenção. Existem acessos verticais que alternadamente direccionam para o interior da *loggia* e da praça que lhe dá sentido. Ou então, pelo portão de acesso ao parque se sai para fazer o caminho acima citado, em direcção às árvores e ao portão que conformam o Largo Carlos da Maia, também formado pela hospedaria.

Perante o lazareto novo e as residências dos atletas, na praça central a todo o empreendimento, faz-se sentir também, por contraste, o antigo e o contemporâneo. Esse diálogo é ténue o mais possível, mas sente-se nas formas. Um deixa respirar o outro e vice-versa. Ambos os estágios existem, mas são cooperantes, como é apanágio desta intervenção desde que se iniciou. O edifício contemporâneo decorre morfologicamente de um dos braços presentes, quebrante da radialidade existente, paralelo ao corpo de entrada do asilo novo. Houve aqui, a noção do antigo que dá lugar ao novo e, no melhor dos sentidos, acontece o respeito com a pré-existência, dando-lhe a visibilidade necessária também no possível acto de albergar quem chega, através de um grau de subtilidade que se pretende cooperário, anunciando a transição de uma intimidade que se prevê e se reivindica para o interior do edificado.

Diante dos três degraus do Asilo 28 de Maio, é-se convidado a contemplar uma composição de vãos,

articulados num plano curvo ou semicircular. A composição que agora se vislumbra, antes escondida e pouco evidente, é de uma natureza claramente sugestiva e contemplativa nos diferentes pisos. Esta anuncia a entrada e incita a uma vista para a praça, sobretudo no primeiro ou segundo pisos (como dito anteriormente), de uma preponderante dominância e controle de quem chega ou parte. Ao contrário, quem se imiscui no interior do adjacente edifício dos atletas, é convidado a interagir com o exterior, não de uma forma propositada, mas sim contemplativa e lateral a quem chega e a quem parte. Crê-se que esta lateralidade que se apresenta a vários níveis em galeria, fossem os residentes deste edifício pessoas predominantemente ociosas pelo estatuto da idade, estariam num vem e vai vagaroso, sempre a apreciar os transeuntes, nas suas passadas largas ou pausas acentuadas, mas com vagar no observar e atitude acolhedora no tracto. É entre a rispidez do controle e a simpatia do vagaroso observante, que somos conduzidos a permanecer ou a atravessar a praça, rumo aos distintos interiores, num caso para dormir e comer, noutra para reunir em comunidade e tratar os assuntos relativos ao alto rendimento. Aqui, pretende-se também, uma dialéctica que passe por questões desportivas, relacionais e interpessoais entre a comunidade e o alto rendimento propriamente dito. Uma das premissas do programa arquitectónico passa por reunir as condições para, através dos cuidados inerentes para com a comunidade e com os valores do desporto, abranger ambos no intuito de uma troca entre pessoas, através do desporto e apoio às famílias

necessitadas, e relativos ao alto rendimento e apoio aos pais dos desportistas.

É objectivo do projecto, abranger várias valências desta índole e tirar o máximo proveito das mesmas, na relação entre elas, para uma vivência sã em comunidade. O Lazareto novo fica incumbido de dar resposta a estas questões de apoio social, sendo que a pista coberta fica reservada para o apoio desportivo comunitário.

O espaço interno do Lazareto novo, é de uma pujança e austeridade tal, que o seu carácter multifuncional permite a nosso ver, o correcto albergue a este tipo de programa de serviço cívico, e que por essa razão é de uso não tão terno como a residência, mas mais efémero e de uma formalidade adequada a esta nova prática.

A partir da galilé já falada anteriormente, existem várias inflexões, no sentido das muitas portas de entrada do edifício que também alberga a cantina no seu piso inferior. A partir da porta mais próxima do Lazareto novo, ou de uma a meio da praça, pode-se aceder à cantina do complexo. Percorre-se a galilé que inflecte por estas entradas e, através dos acessos verticais, tem-se passagem para uma antecâmara que percorrida posteriormente, dá acesso à grande sala de refeições. Existe uma colunata a meio que marca um ritmo lento e que anuncia as áreas de acesso às refeições, relativamente à área de comidas propriamente dita. Alternadamente, existem vãos na direcção nascente. Estes fazem anunciar a possibilidade de refeição também no exterior, através de um grande alpendre que permite avistar Porto Brandão de cima, o vale, o rio e a cidade de Lisboa. A materialidade deste

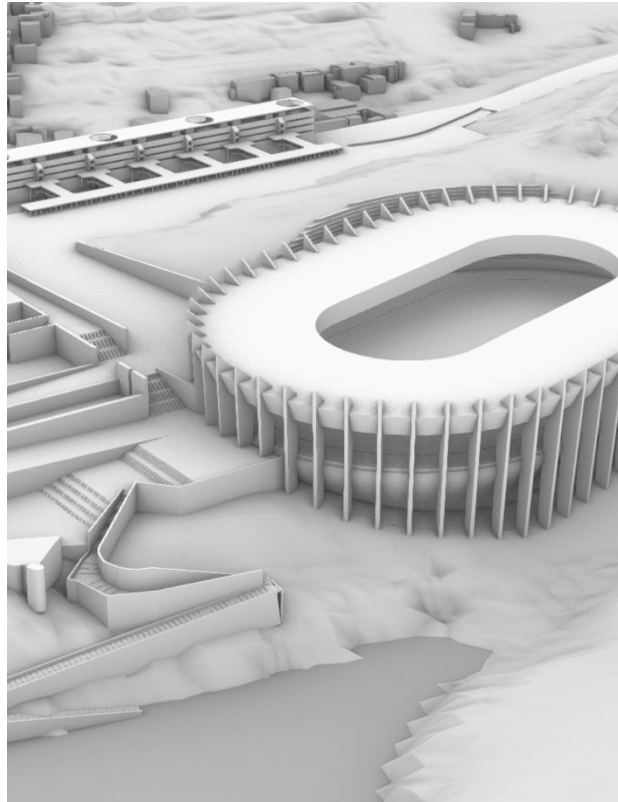
espaço, nomeadamente o seu espaço interno, cujo pé-direito não é nem muito alto nem muito baixo, faz sobressair a preponderância de materiais como a madeira no revestimento dos planos de parede. A madeira escolhida é pinho marítimo com tez escurecida contrastante com o branco das paredes exteriores. É de outra natureza no toque, mas afável e, a ver, mais adequada para uma refeição que se pretende calma e aconchegante. As ripas de madeira do revestimento são colocadas na vertical intervaladamente, para se ajustarem na percepção de um espaço que, pela sua forma, se assume como horizontal e tende a estar, em certa medida, com a proporção correcta também através da ideia vertical que este tipo de revestimento induz.

Acabada a refeição, sai-se de forma lateral à praça e junto à extremidade do topo do antigo asilo, agora centro do Centro Comunitário e de Alto Rendimento, descobre-se um longo plano inclinado, cuja pendente é de 5%. Aqui existem duas possibilidades, a de percorrer a rampa ou, mais adiante, uma escada. Ambas dão acesso às imediações da pista de atletismo coberta que se vislumbra da praça e se posiciona no eixo Nascente/Poente anteriormente mencionado. Uma vez chegados às imediações da pista, não nos esqueçamos que esta inflexão produzida através da rampa, nos faz descobrir a pouco e pouco que a mesma se insere a meia encosta, dado o facto de termos flectido para poente e se ter virado suavemente na direcção descendente. Ao longo do percurso de descida, vai sendo visível a forma da pista. Primeiramente, vai-se vislumbrando os pináculos estruturantes acima da cobertura à cota mais elevada e posteriormente, de acordo

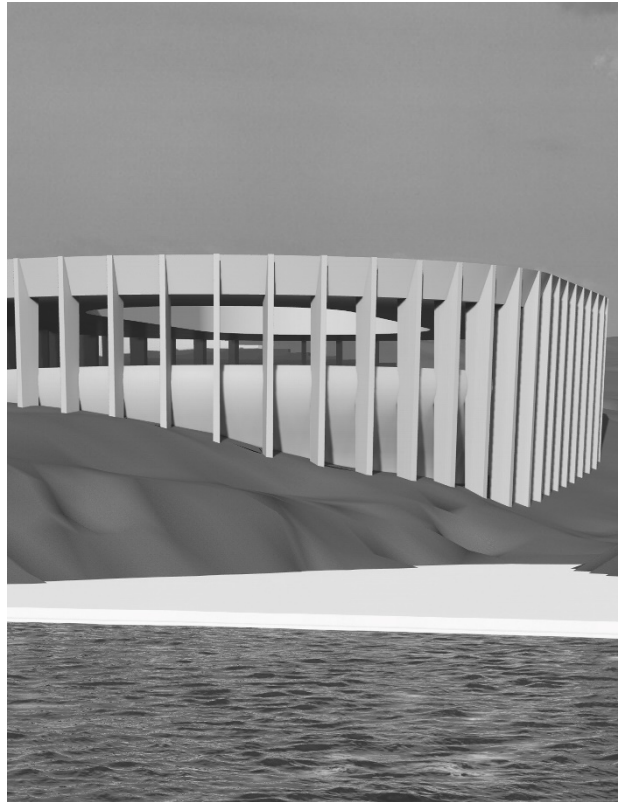
com o movimento descendente, vai-se descobrindo que o vale da Raposeira, oposto ao de Porto Brandão é visível entre pilares. Ancorada a meia altura, a pista subjaz da imponente cobertura. Cobertura esta que na zona central é translúcida, possibilitando entrada de luz natural.

A eixo da pista propriamente dita, encontram-se as imediações do Baluarte superior da Torre de S. Sebastião de Caparica. Por entre pilares, vãos verticais para o exterior, só em determinados momentos é possível antever a entrada da fortificação. Noutros, tem-se uma visão poente para o fundo do vale e rio. Fazer desporto aqui, é “como que soldada à sua peanha de rocha”, em movimento circular, sempre repetitivo, e remete para a libertação oposta à de *Sísifo* e do seu mito.

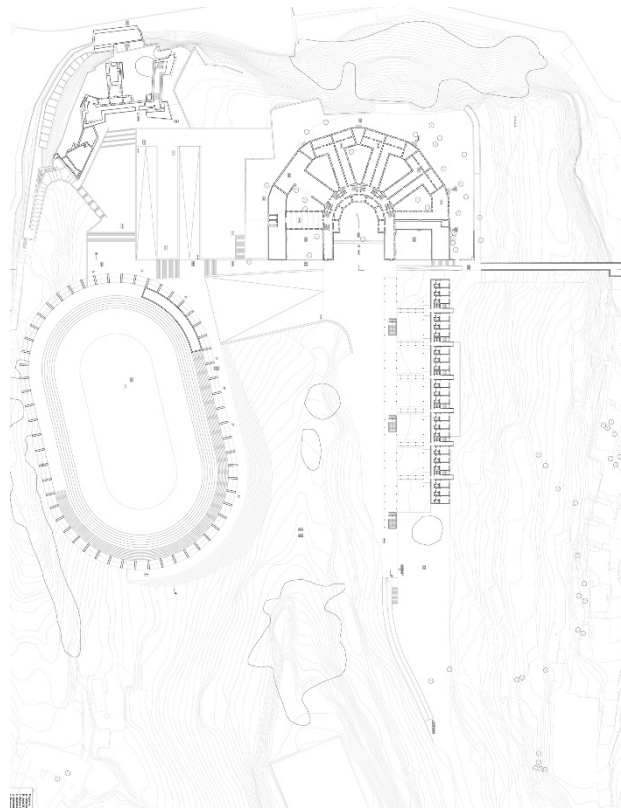
Esta é a conclusão e o seu fim.



*Figura 14: Simulação tridimensional (vista de conjunto do Complexo)
Fonte: figura do autor*



*Figura 15: Simulação tridimensional (vista do rio Tejo)
Fonte: figura do autor*



*Figura 16: Planta geral do complexo (sem escala)
Fonte: figura do autor*



Figura 17: Planta com quadro de áreas

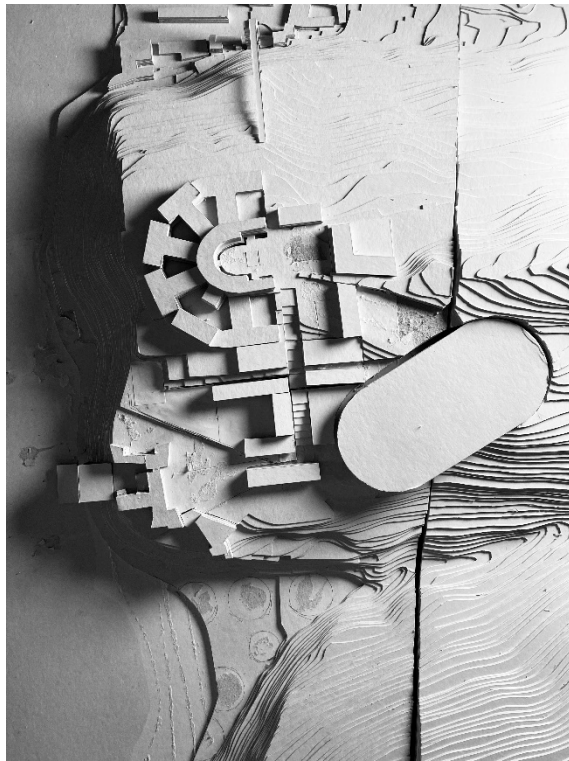
BIBLIOGRAFIA:

- Abreu, P.M., Guerra, A.S., Mascarenhas, C., Vicente, F., 2023. À soleira do Infinito. Cacela Velha: arquitectura, paisagem, significado, República Portuguesa. ed. Vila Real de Santo António.
- Andresen, S. de M., 1997. Lisboa [WWW Document]. Editorial Caminho. URL <https://viciodapoesia.com/2012/10/14/lisboa-por-sophia-de-mello-breyner-andresen-1919-2004/> (accessed 11.26.23).
- Chafes, R., 2014. Entre o Ceu e a Terra, Documenta. ed. Documenta, Lisboa.
- Deplazes, A., Elsener, C., Roesler, S., Seger, C., Siegrist, T., 2022. Constructing Architecture. Material Process Structure a Handbook, 5th ed. Birhauser, Basileia.
- França, J.-A., 2009. Lisboa - História Física e Moral, 2nd ed. Livros Horizonte, Lisboa.
- Francisco, 2023. Não Tenham Medo!, Ana Rita Bessa. ed. Leya, Lisboa.
- Gomes, M.T., 1904. Agosto Azul, 4th ed. Bertrand Editora, Lisboa.
- Lourenço, E., 2015. Património. Revista Património 8–183.
- Martins, G. d'Oliveira, 1879. História de Portugal, In Folio. ed. Guimarães Editores, Lda, Lisboa.

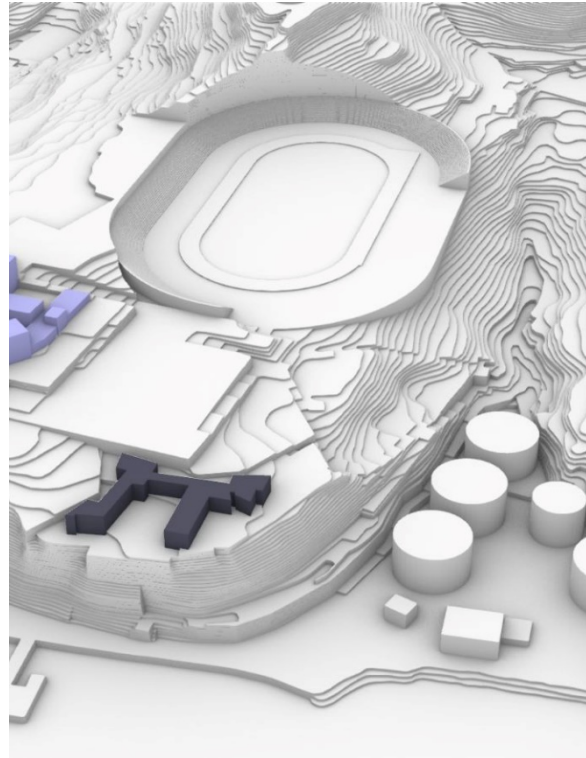
- Bordalo Pinheiro, R., 2020. No Lazareto de Lisboa, 1st ed. Wook, Lisboa.
- Rancière, J., 2022. Pedro Costa - Os Quartos do Cineasta, Relógio D'Água. ed. Relógio D'Água Editores, Lisboa.
- Rodin, A., 1911. Auguste Rodin | Moteur Collections | Culture [WWW Document]. République Française. URL <https://www.culture.fr/Moteur-Collections/Thematiques/Sculpture/Auguste-Rodin> (accessed 11.26.23).
- Soares, B., 1930. Sou curioso de todos, ávido de tudo [WWW Document]. URL https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr484/inter/Fr484_WIT_ED_CRIT_Z (accessed 12.28.23).
- Sousa, R.H. de P., 1997. Pequena História da Torre Velha, C.M. Almada. ed. Câmara Municipal de Almada, Almada.

ANEXOS

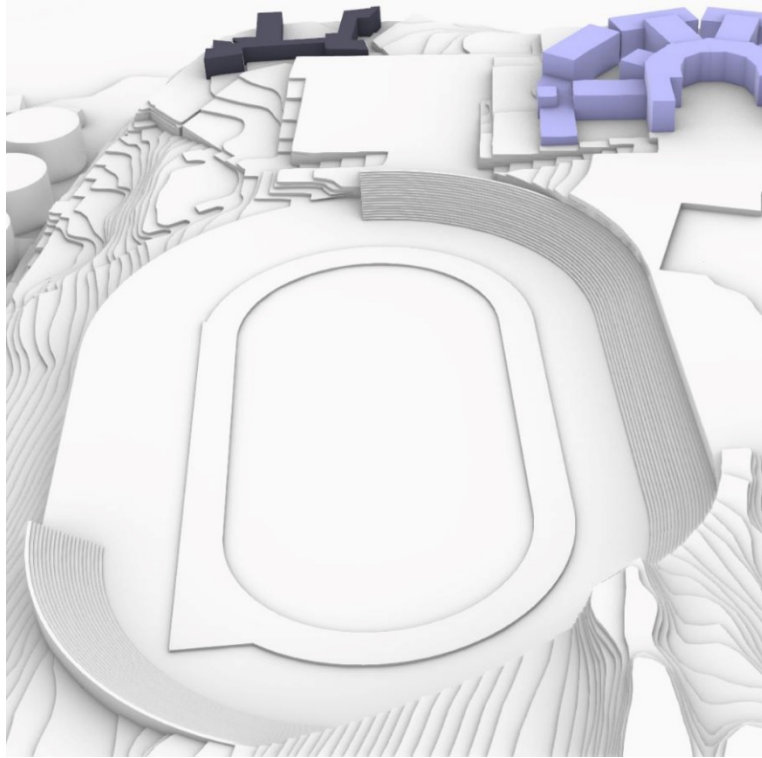
Modelos 3D (Processo)

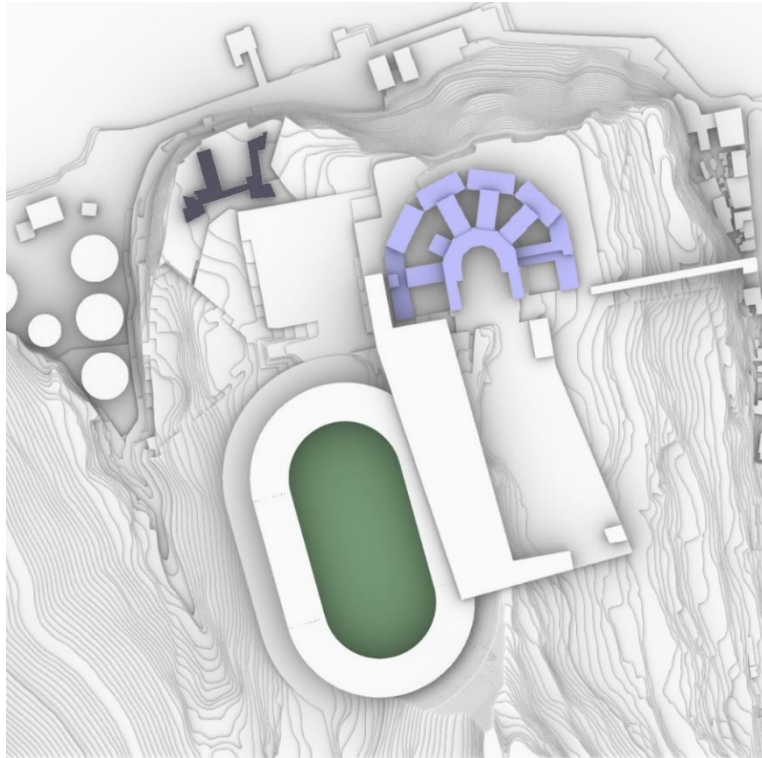


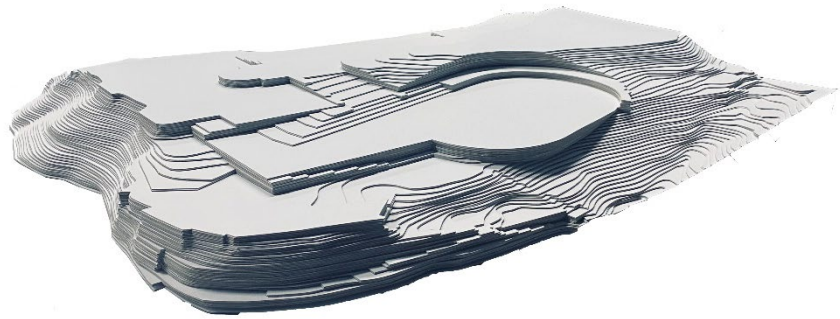


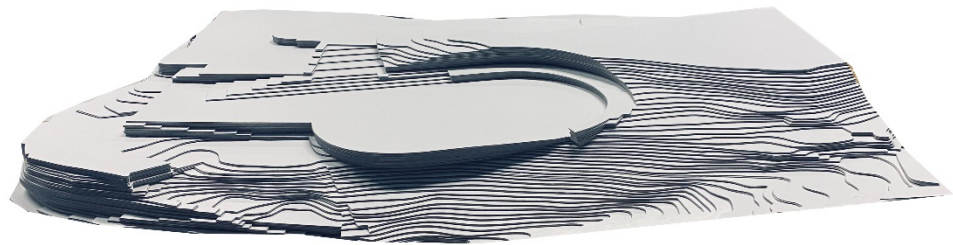


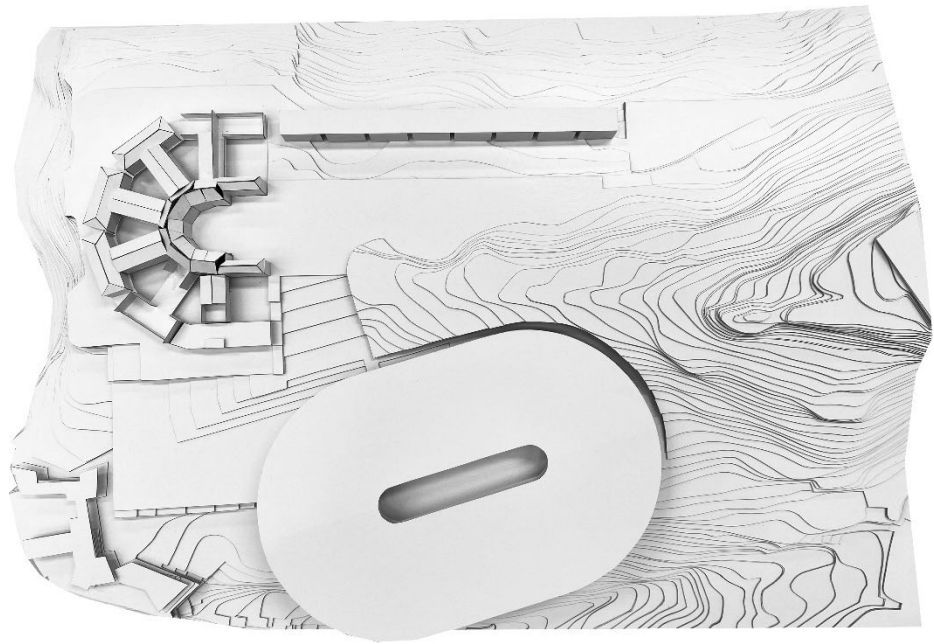


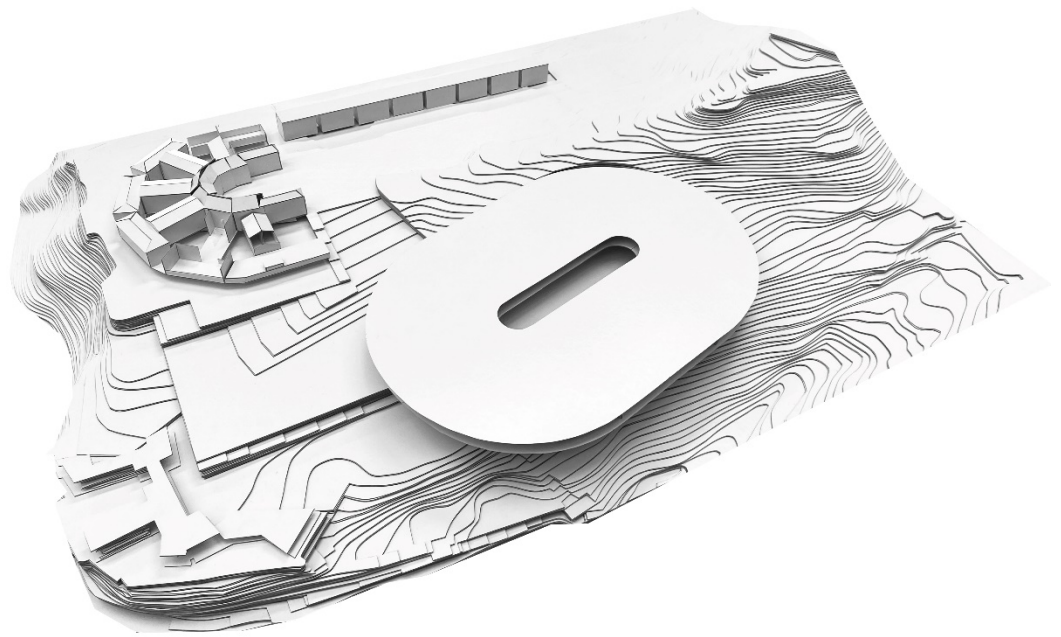


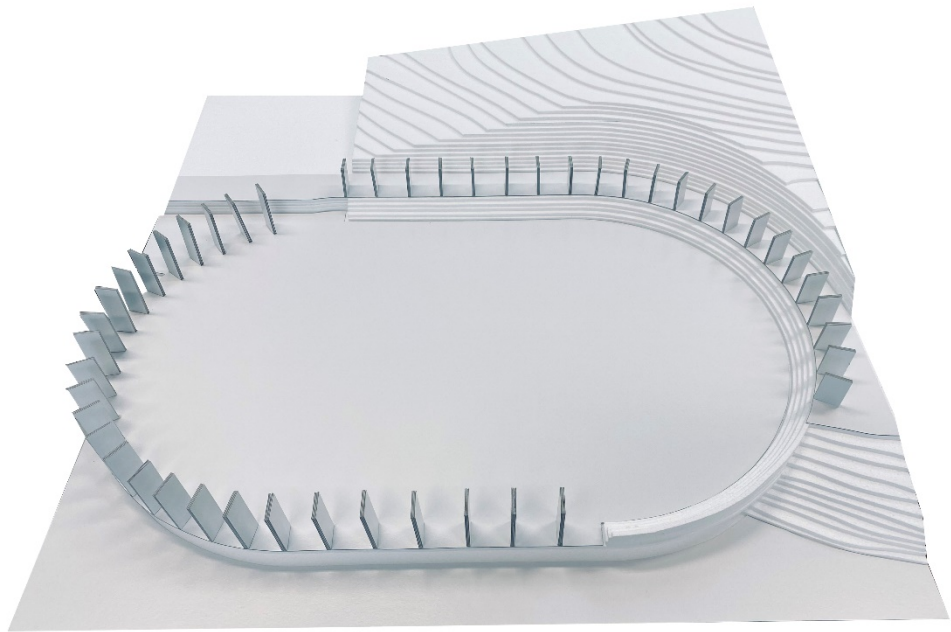




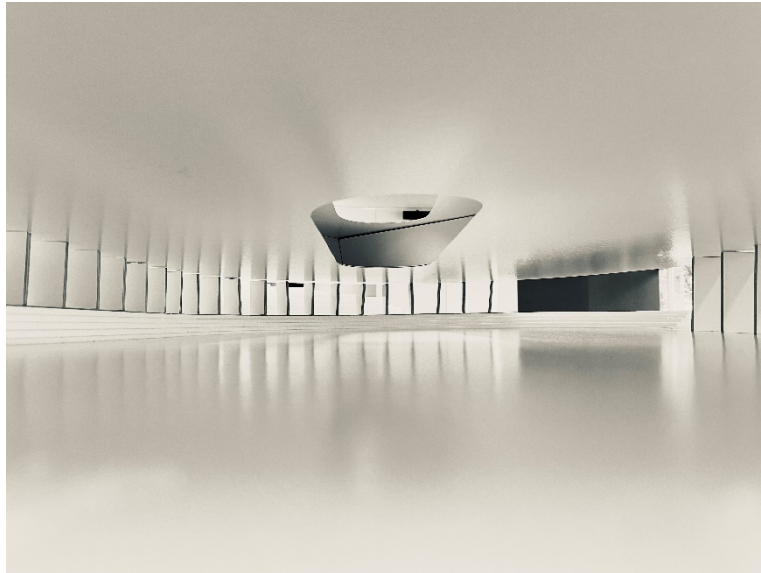




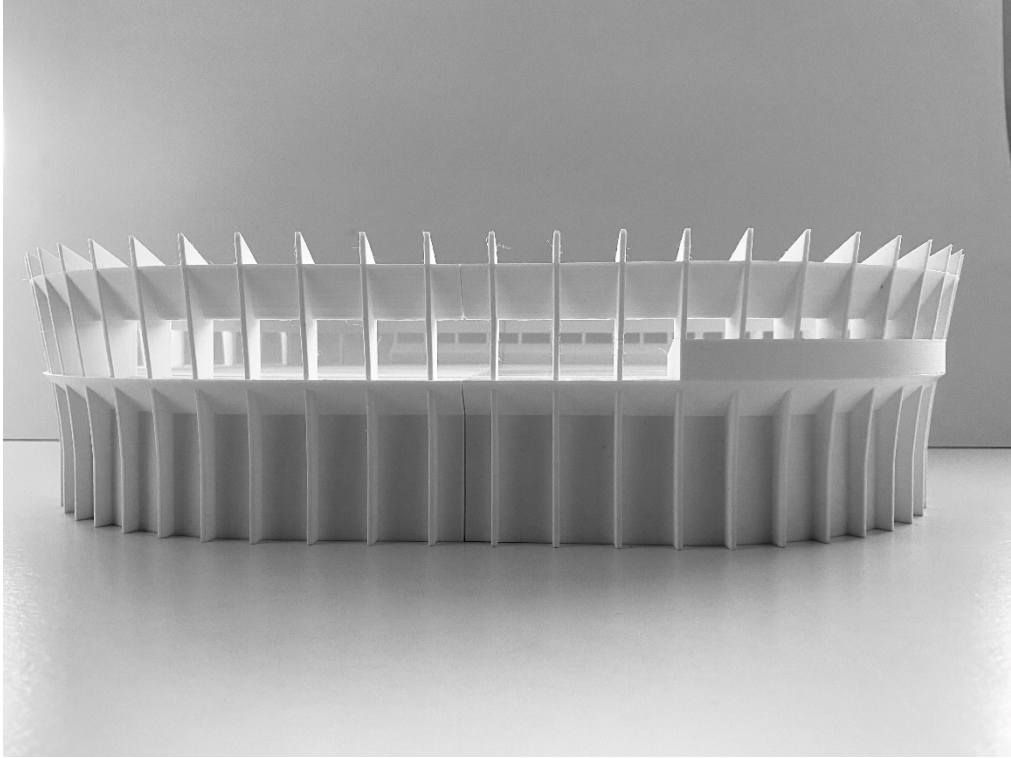


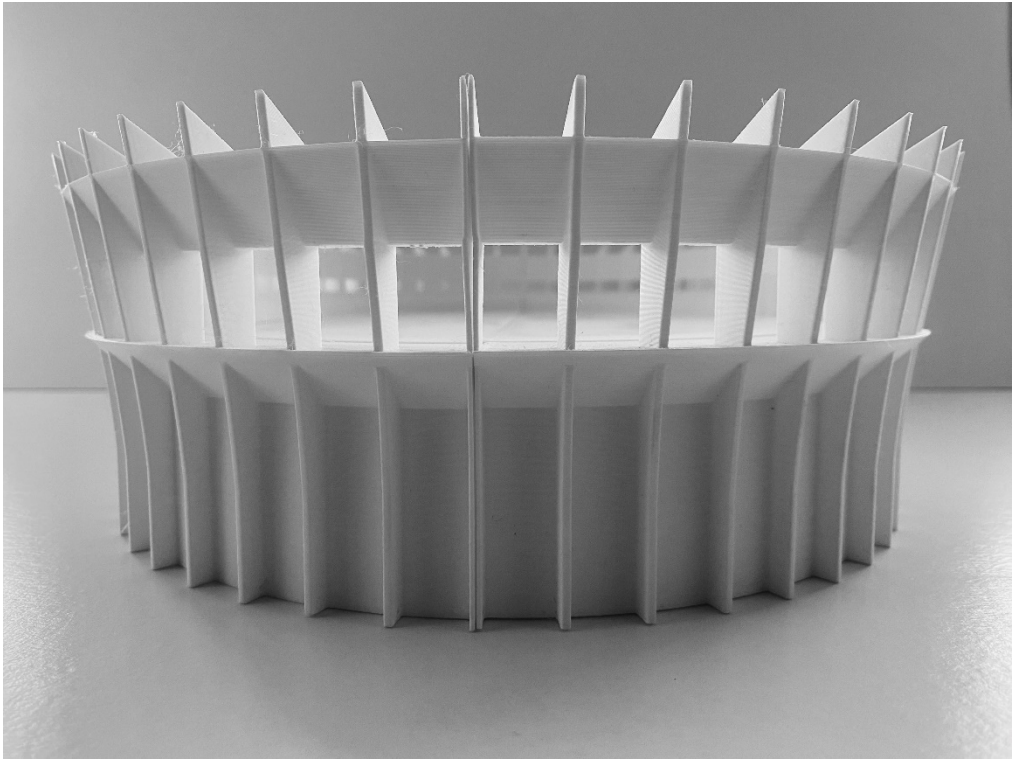




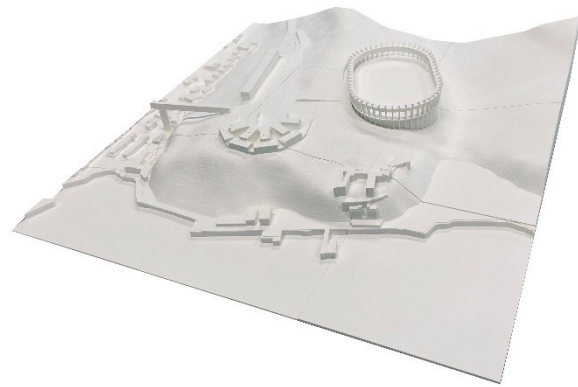




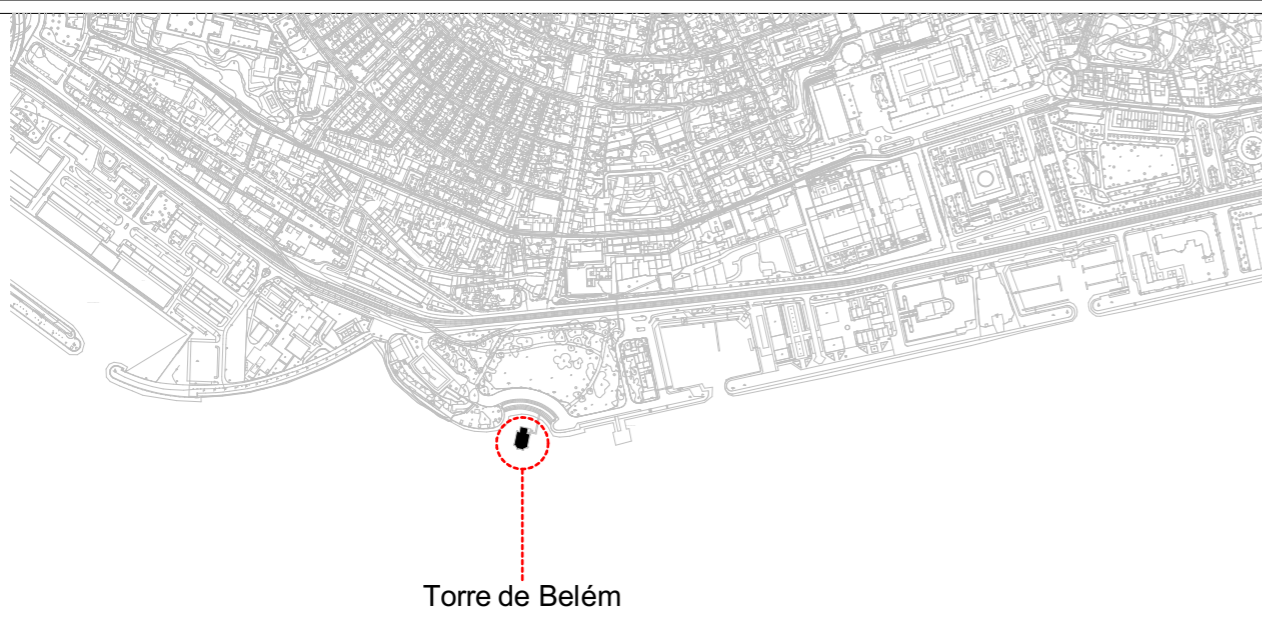




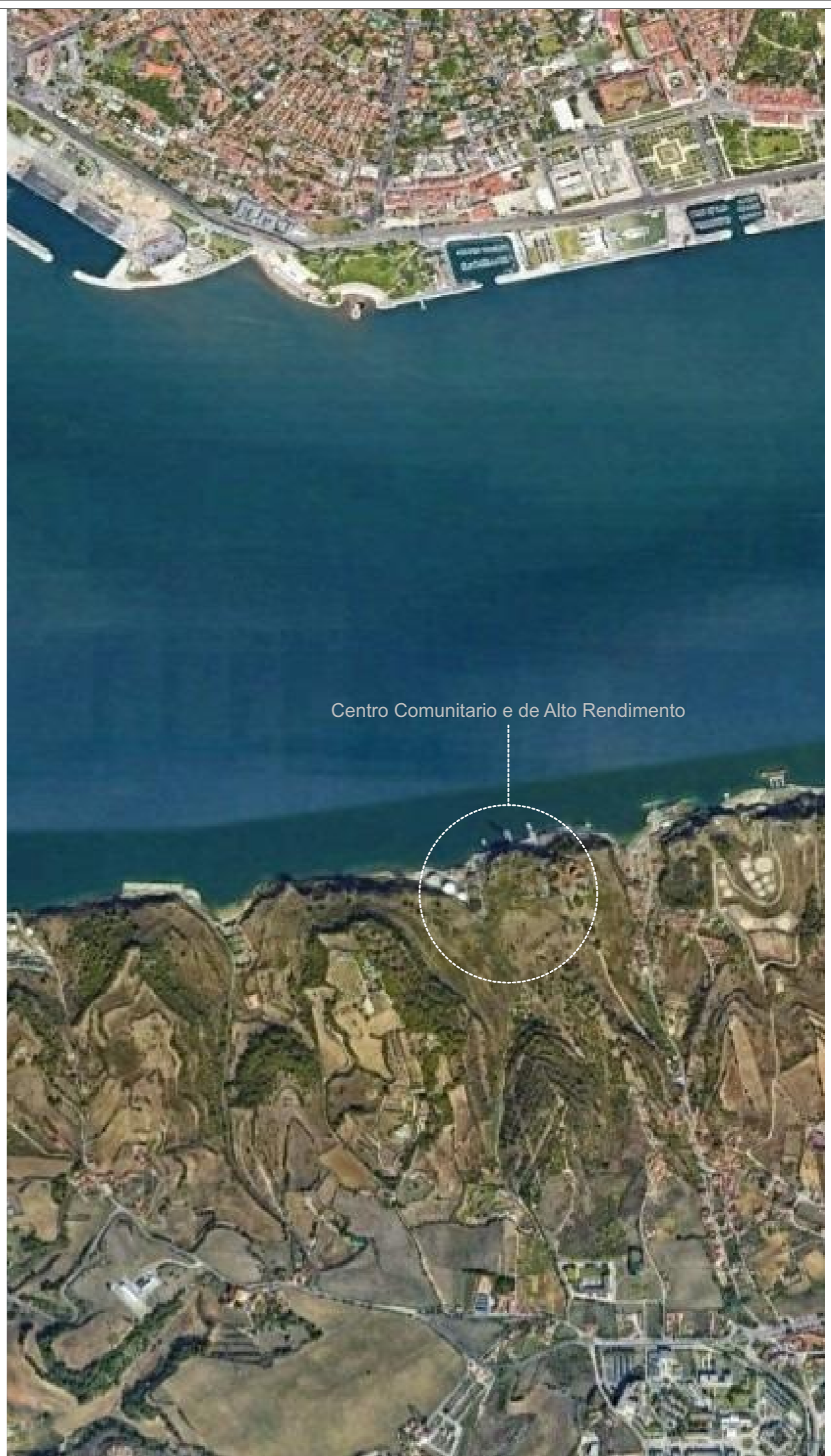




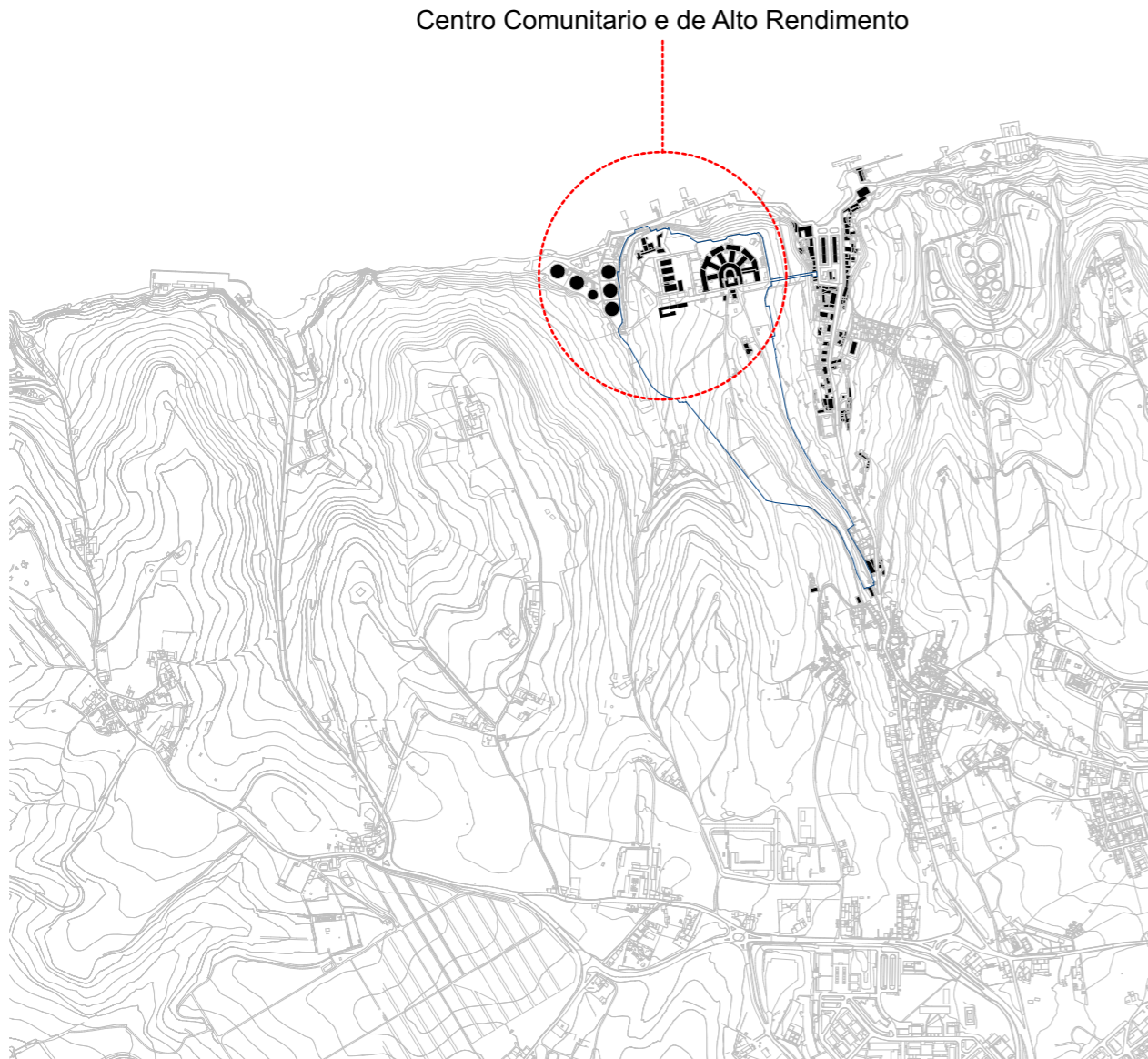
Painéis de apresentação final (redução de A0 para A3).



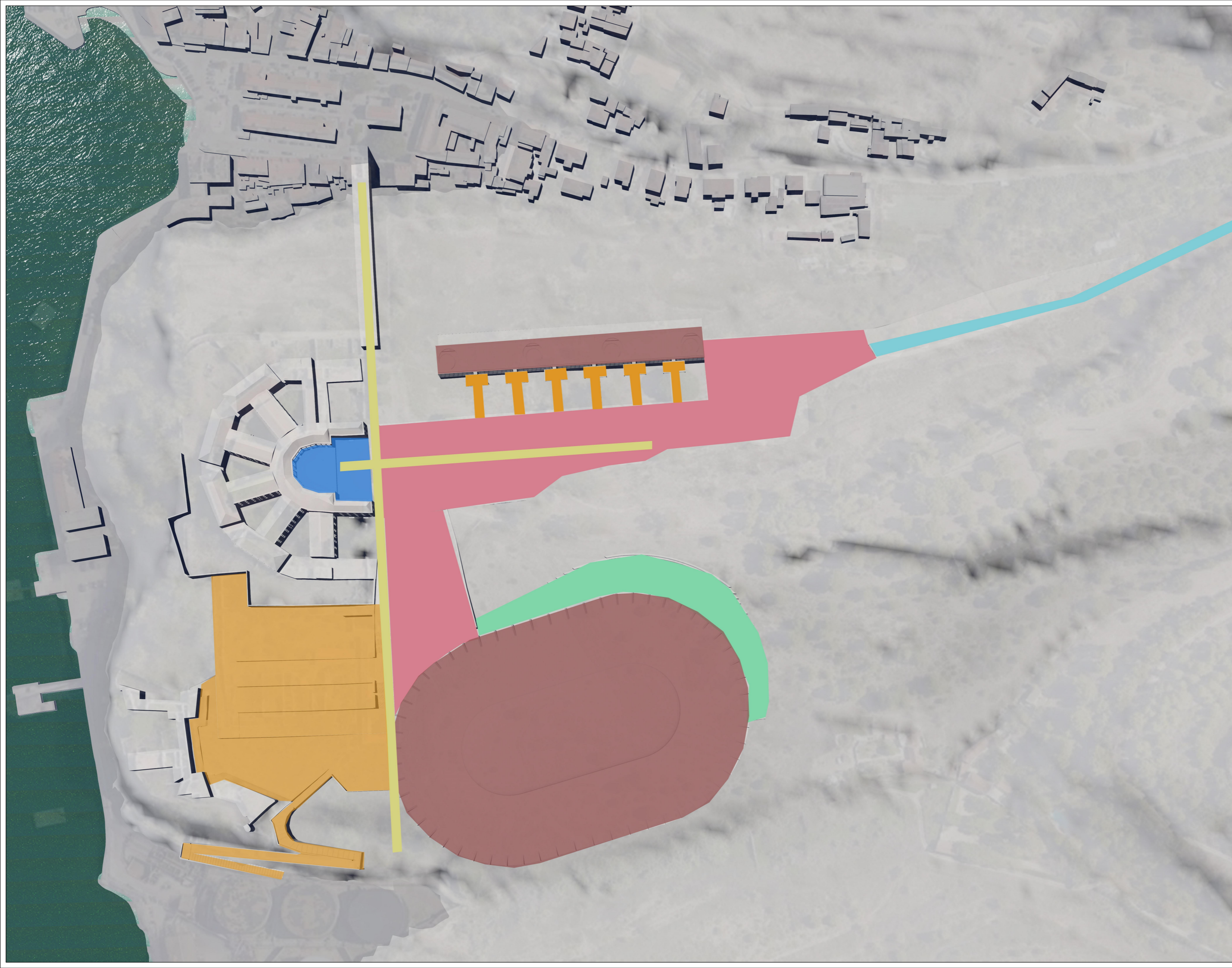
Torre de Belém

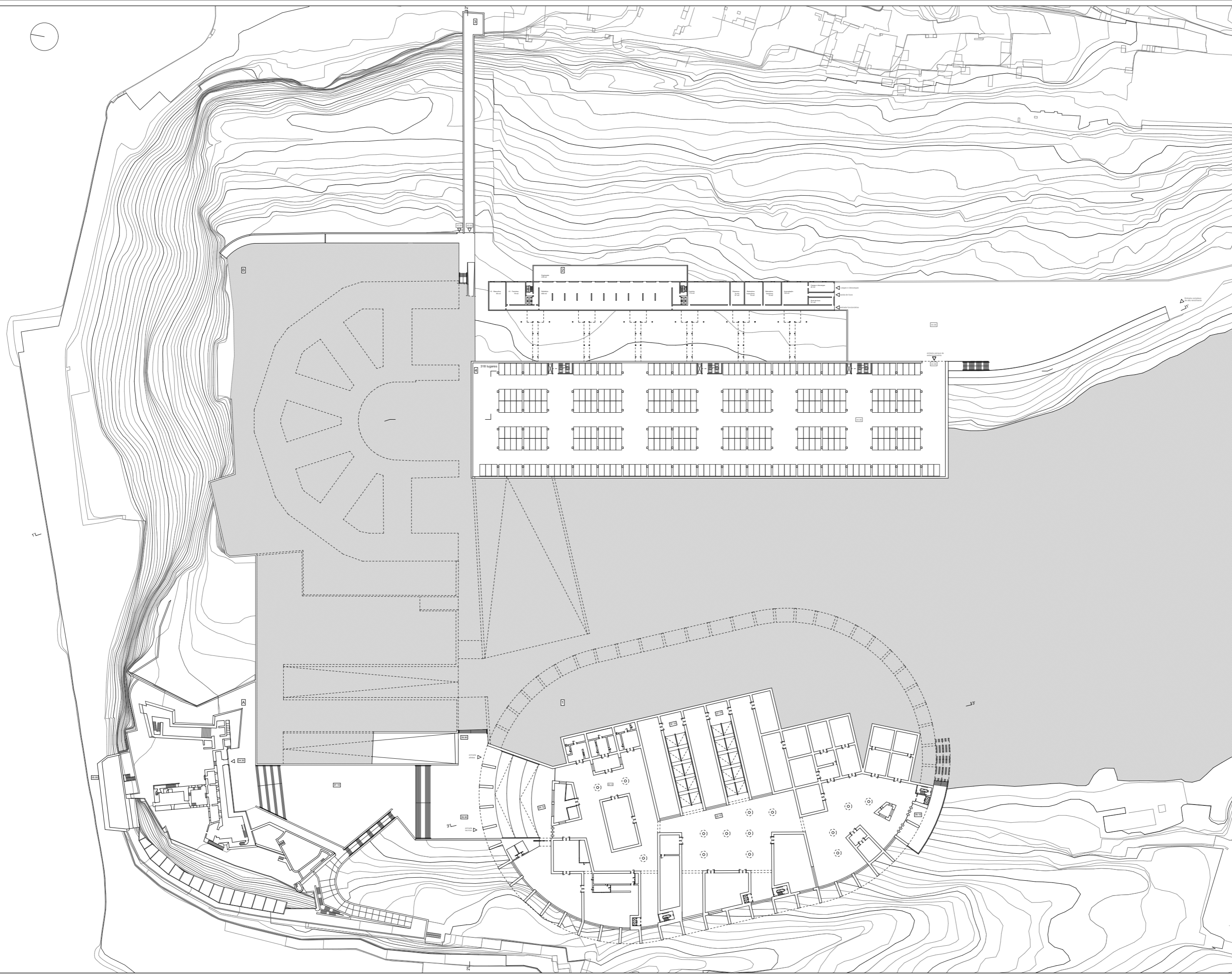


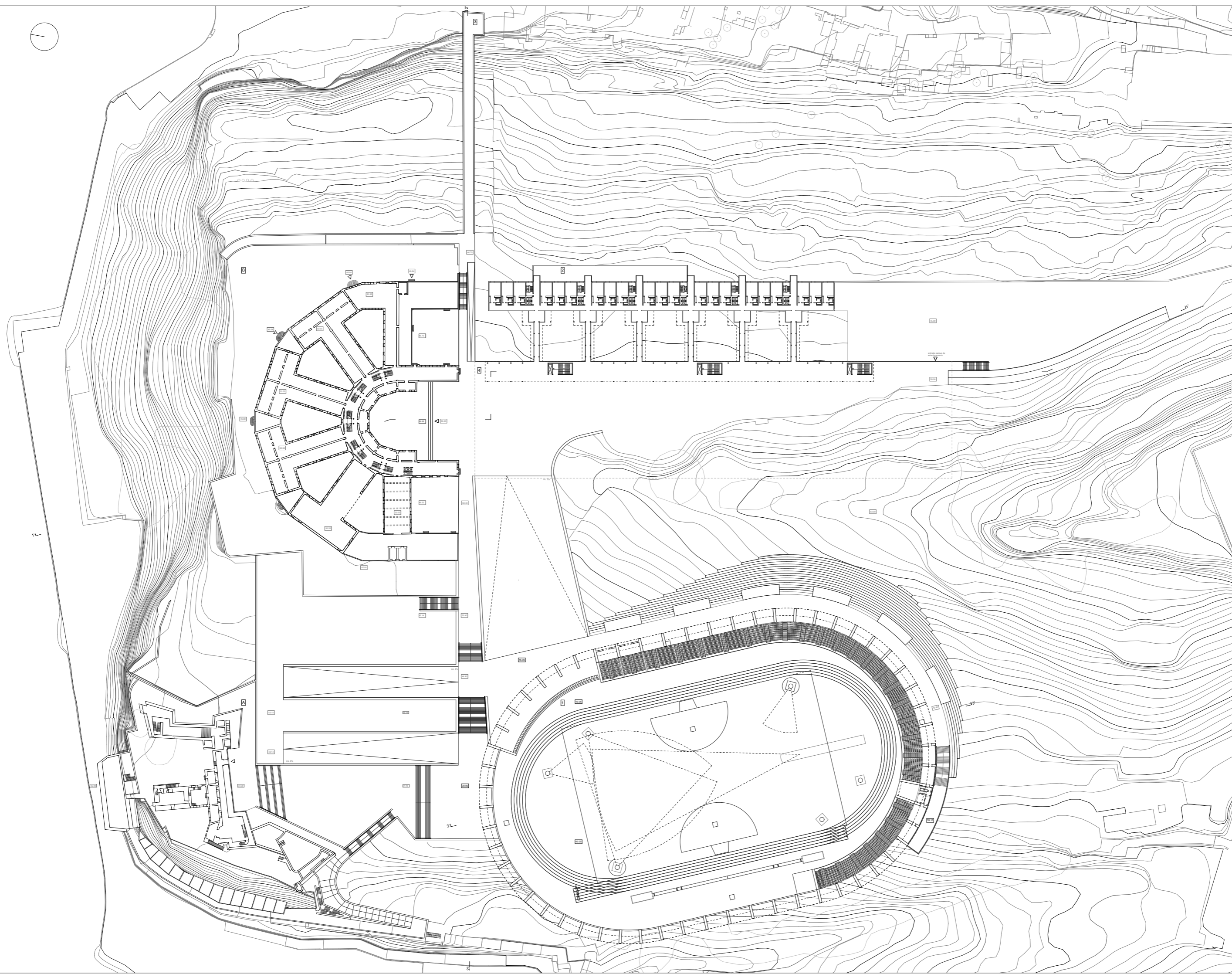
Centro Comunitario e de Alto Rendimento

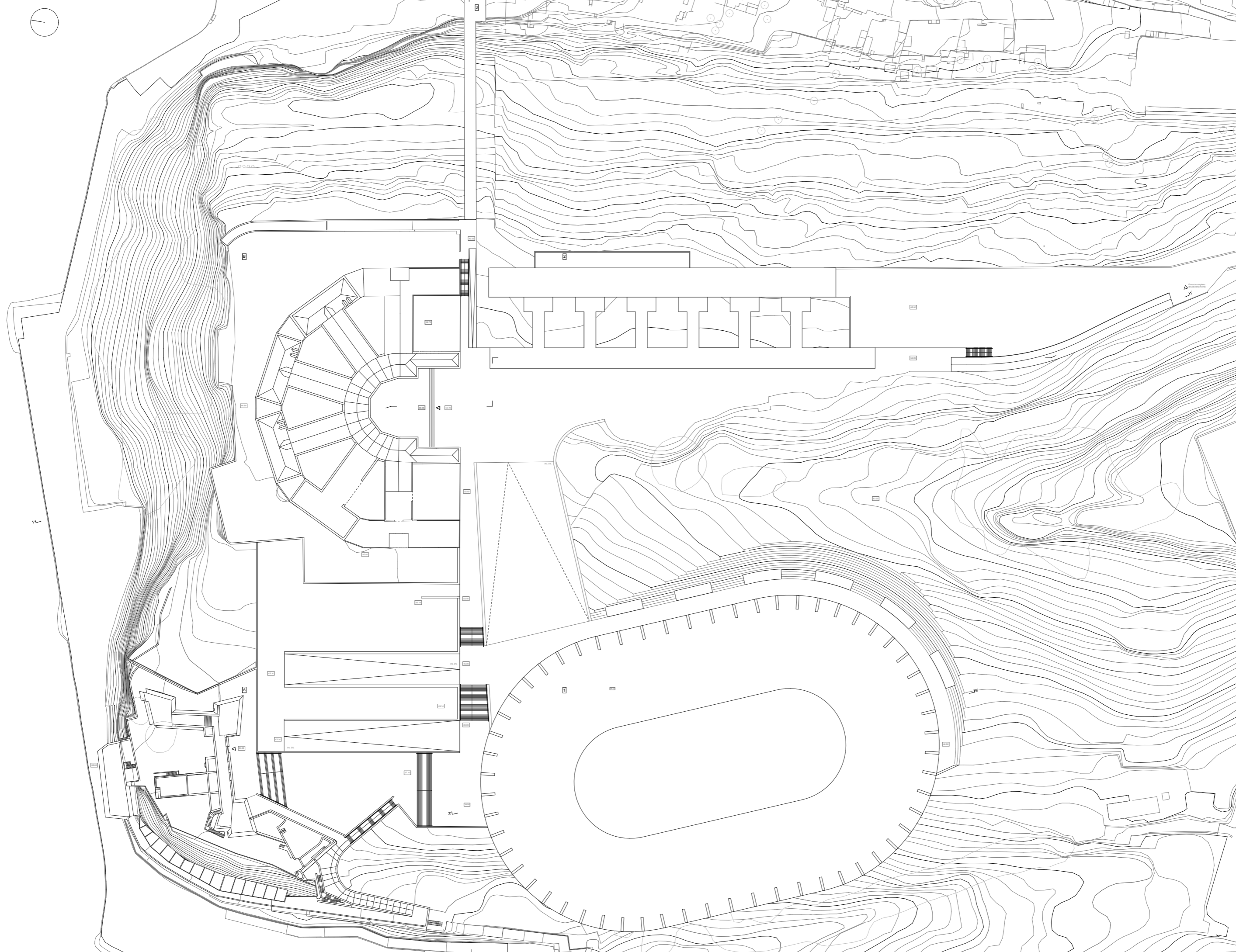


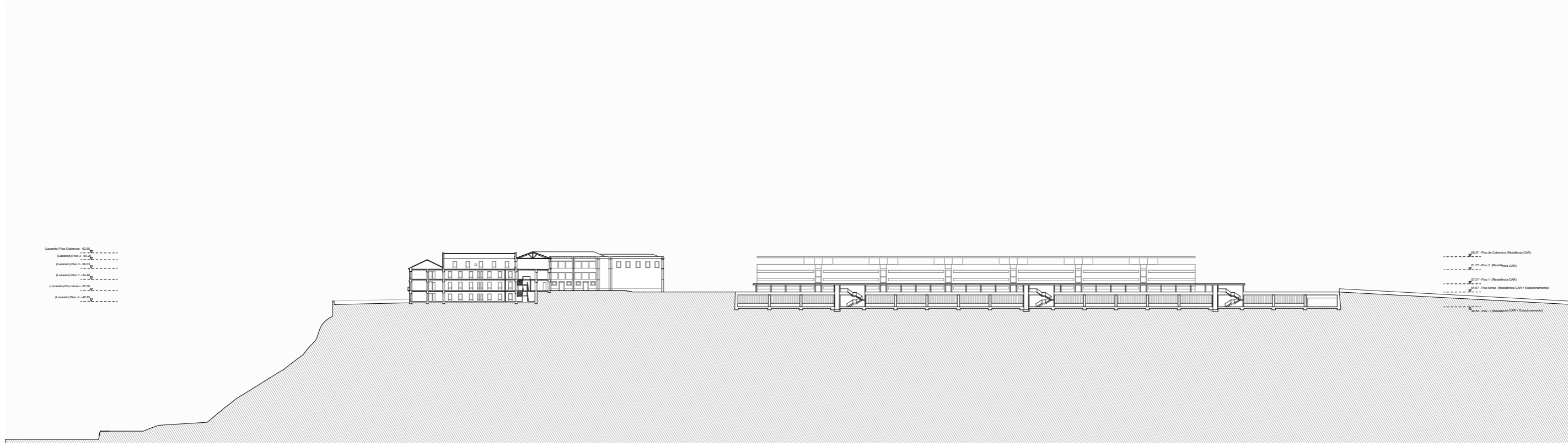
Centro Comunitario e de Alto Rendimento



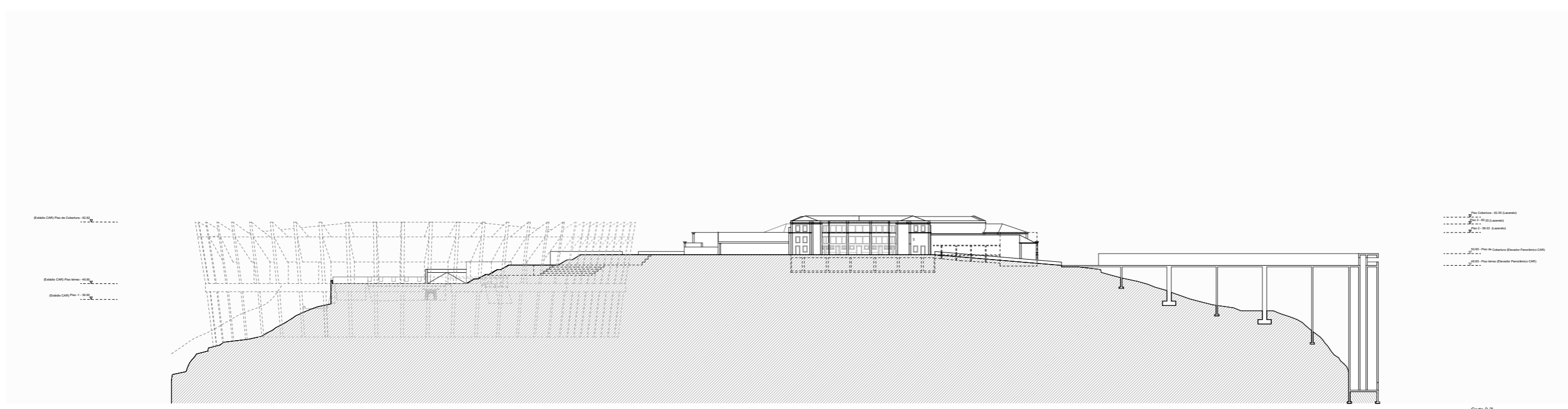




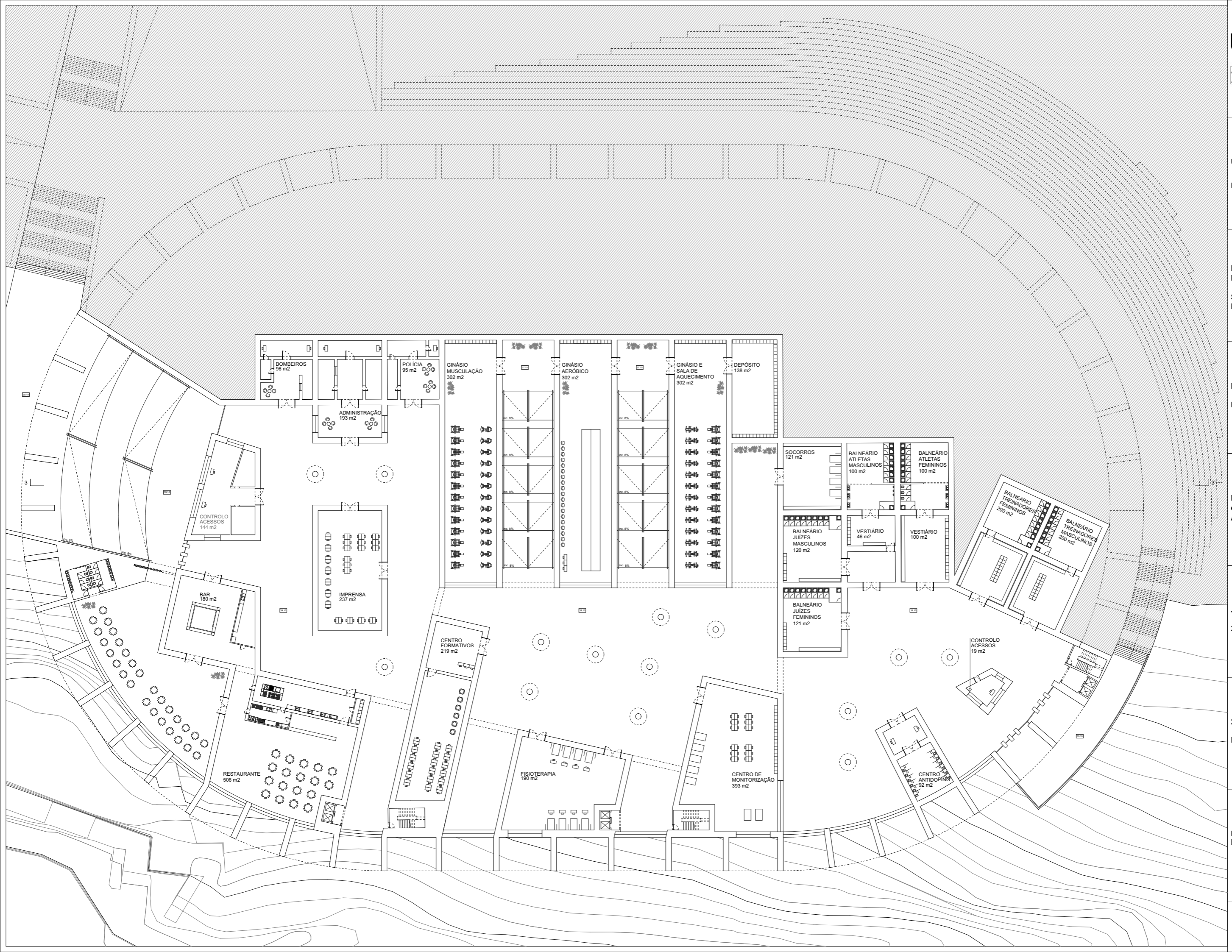


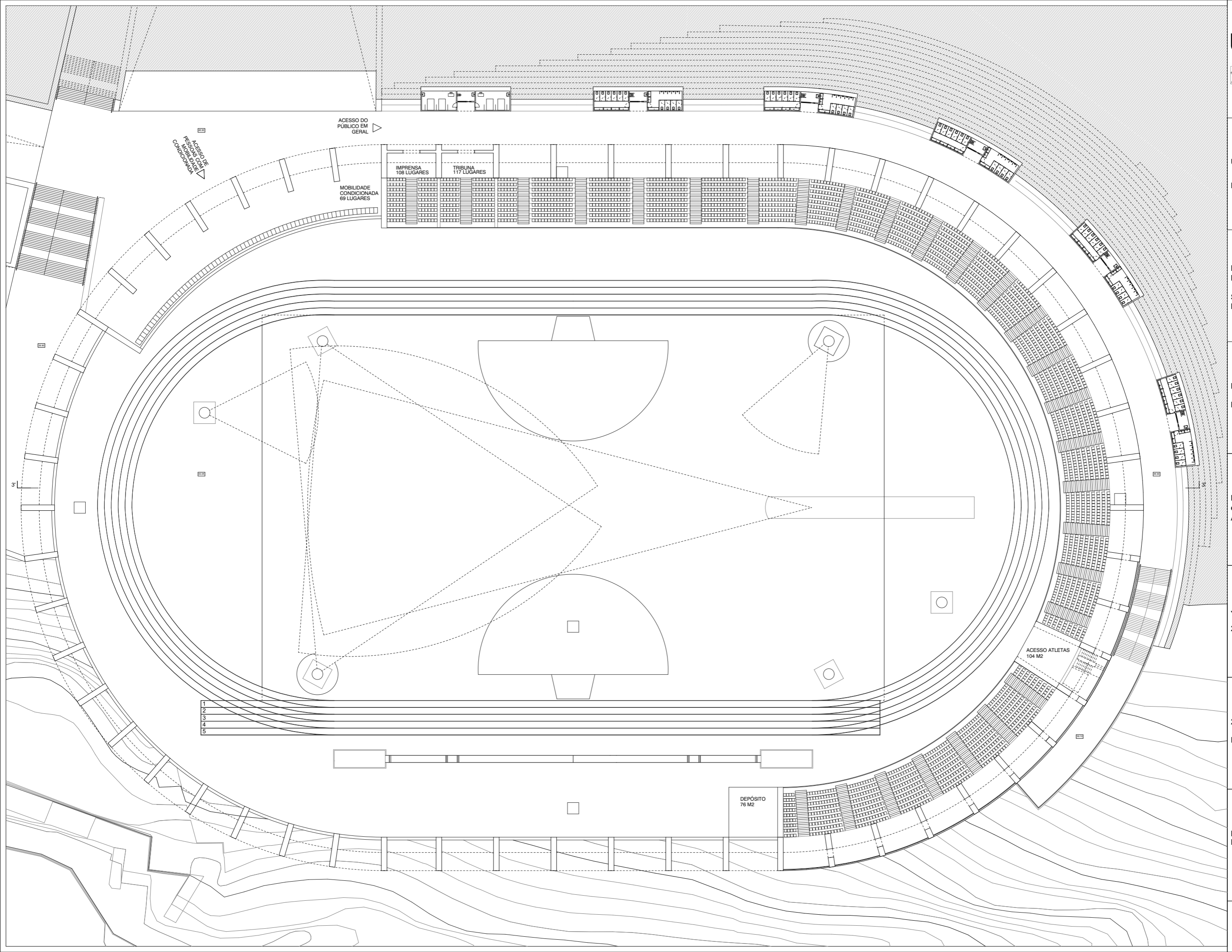


Corte 1-1'
Escala 1/500



Corte 2-2'
Escala 1/500





Universidade de Lisboa

Faculdade de Arquitectura

Em Busca da Arquitectura Perdida

Sentido de Comunidade em Porto Brandão

Prof. Luís Afonso

Prof. Pedro Abreu

Mestrado Integrado em
Arquitectura

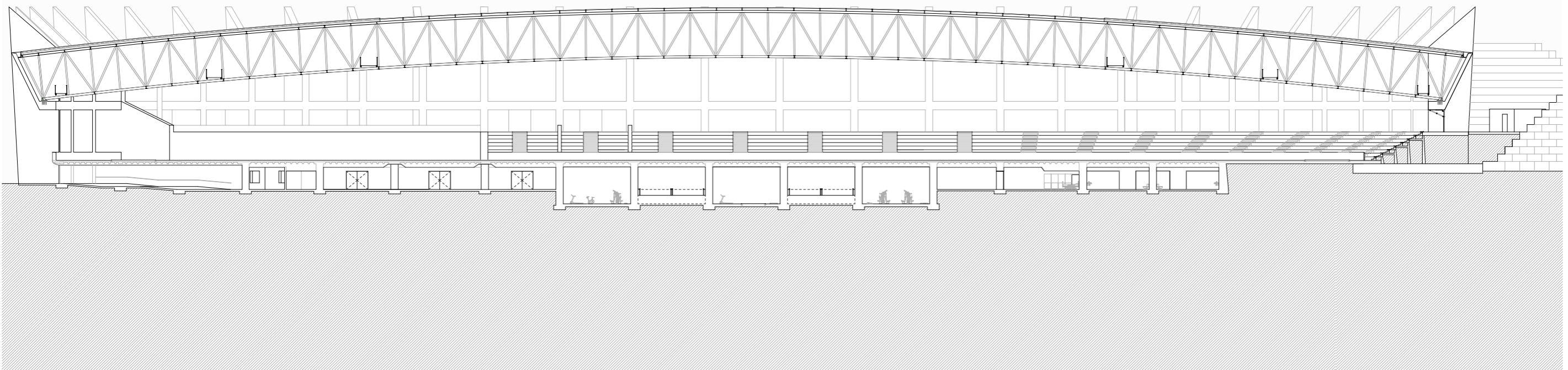
João Miguel Serranho de Sousa

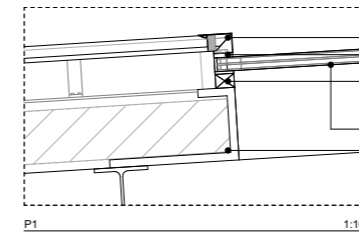
20131046

2024

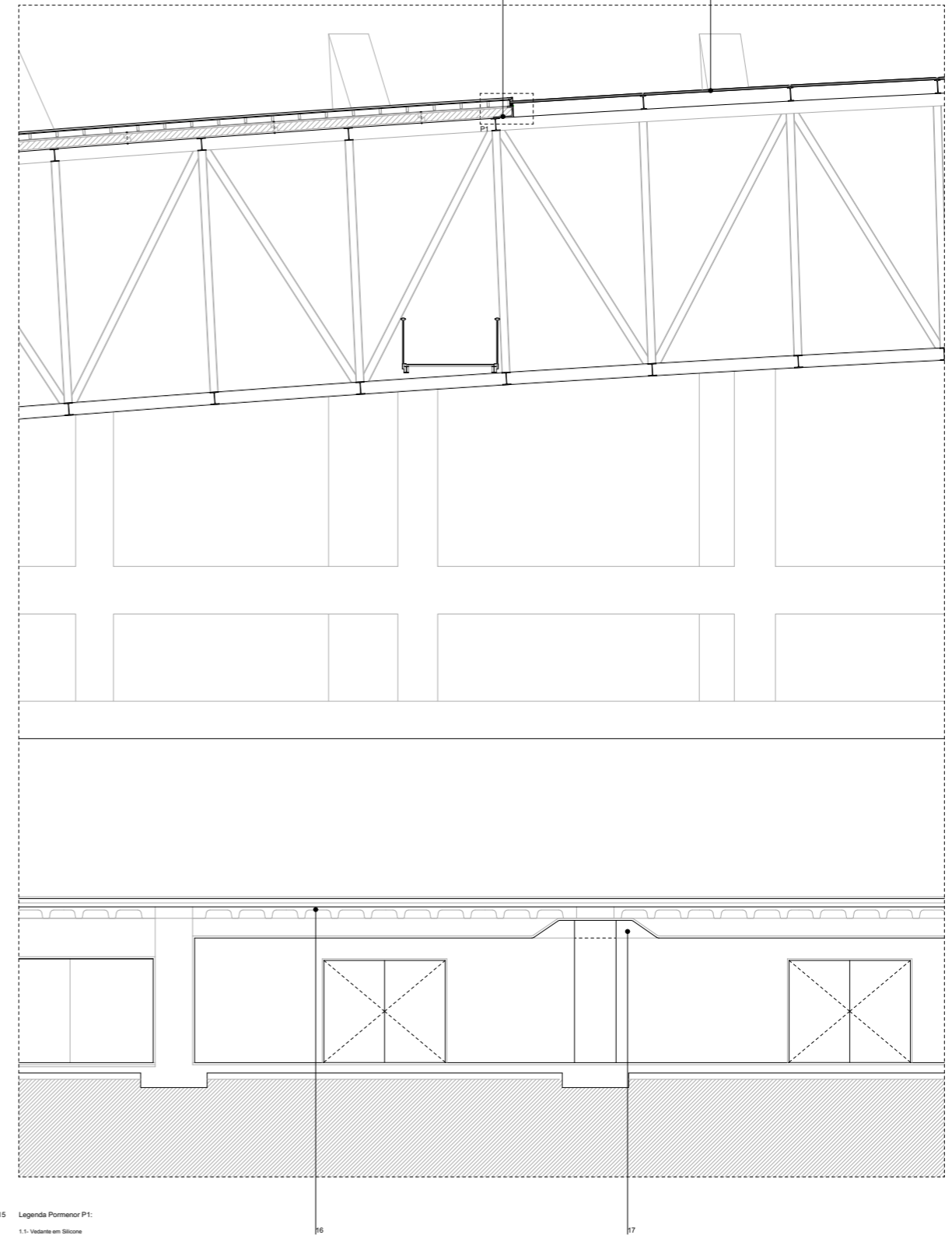
Fevereiro

Corte 3 3'
Escala 1/200



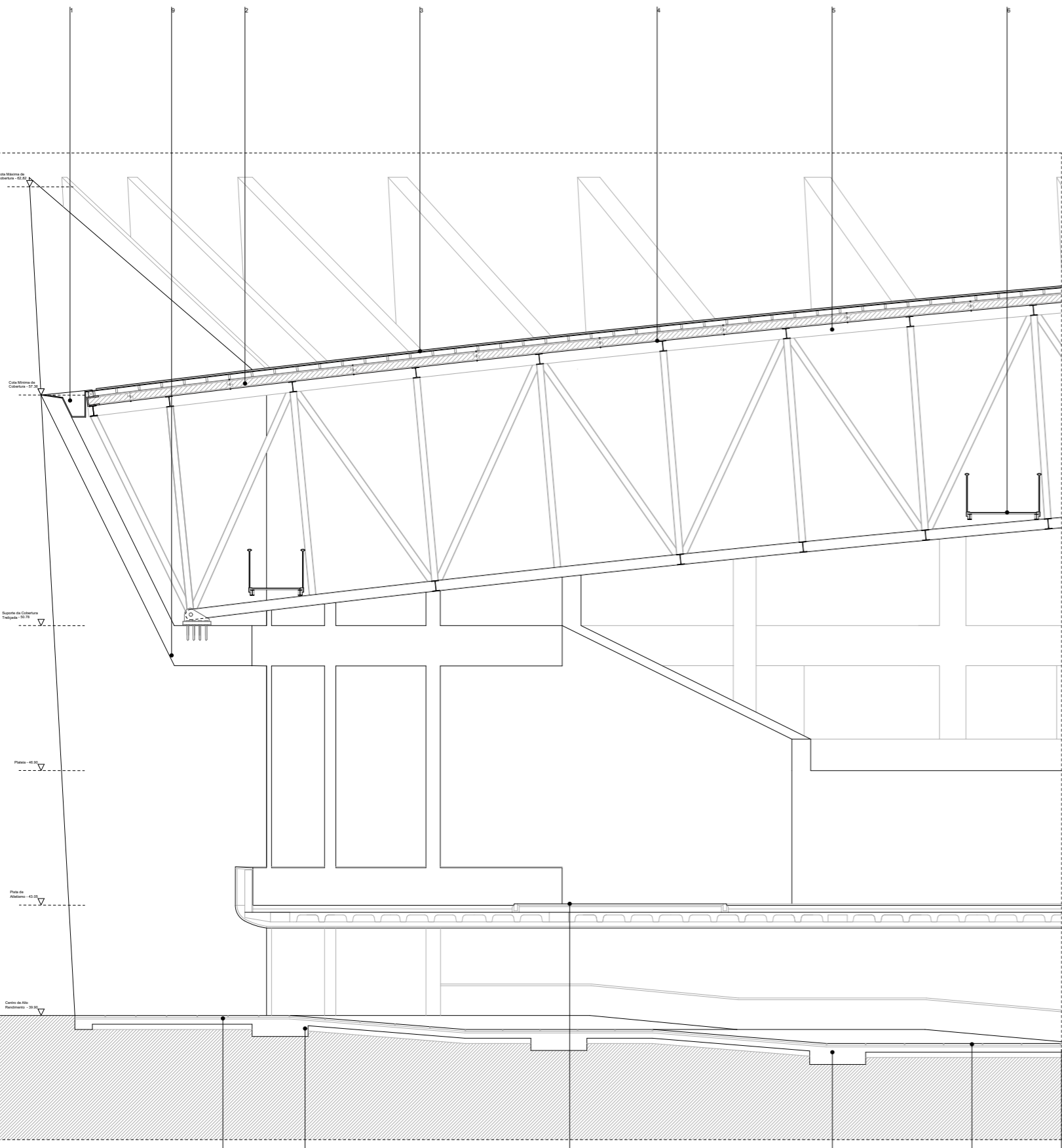


P1 1:10



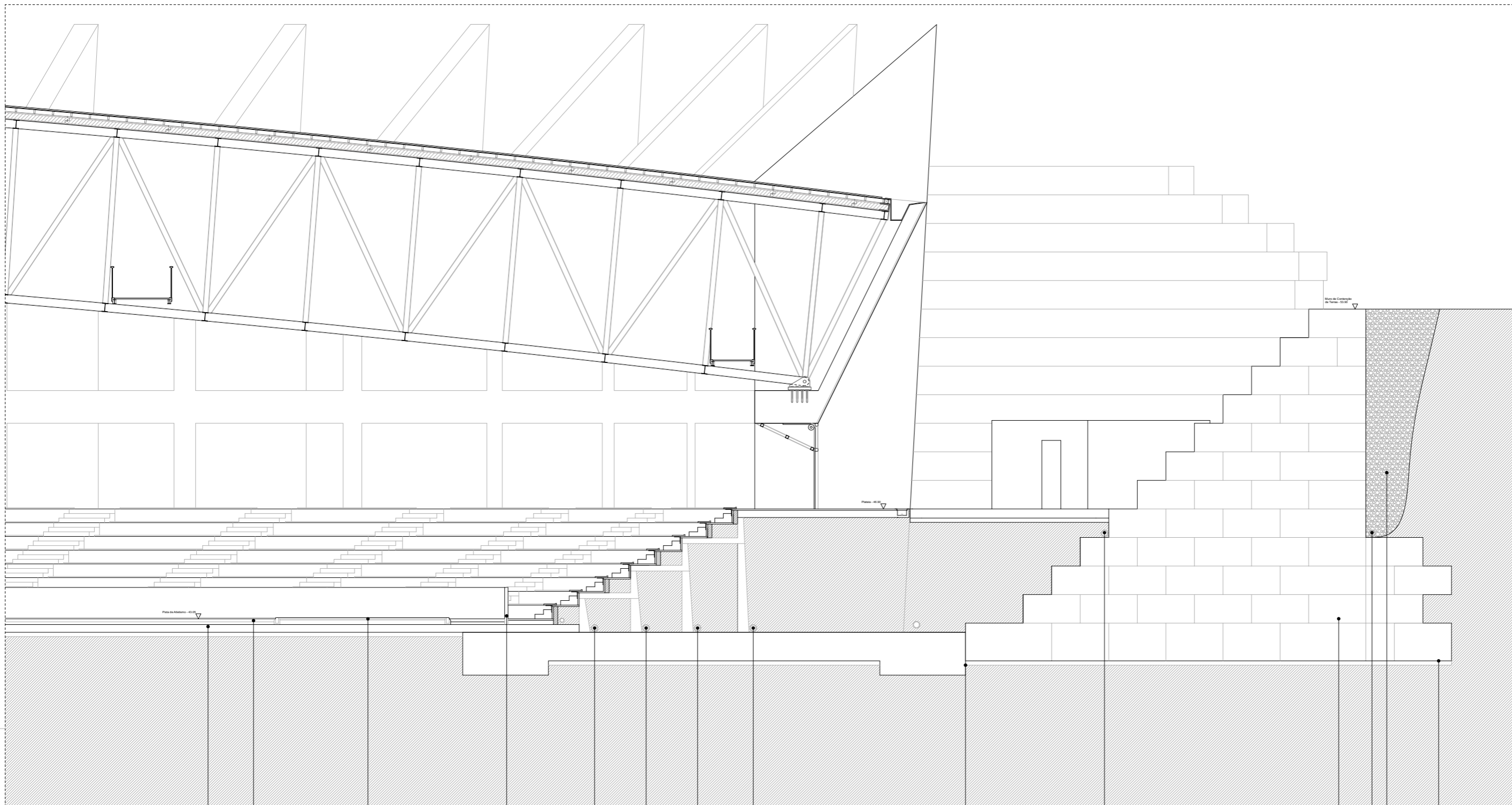
Legenda Pormenor P1:

- 1.1 - Vedante em Silicone
- 1.2 - Capateamento em Zinco cor natural
- 1.3 - Bateria de Apoio em Borracha
- 1.4 - Parafusos de ancoragem riscado serrilhado
- 1.5 - Vidro laminado com película PVD

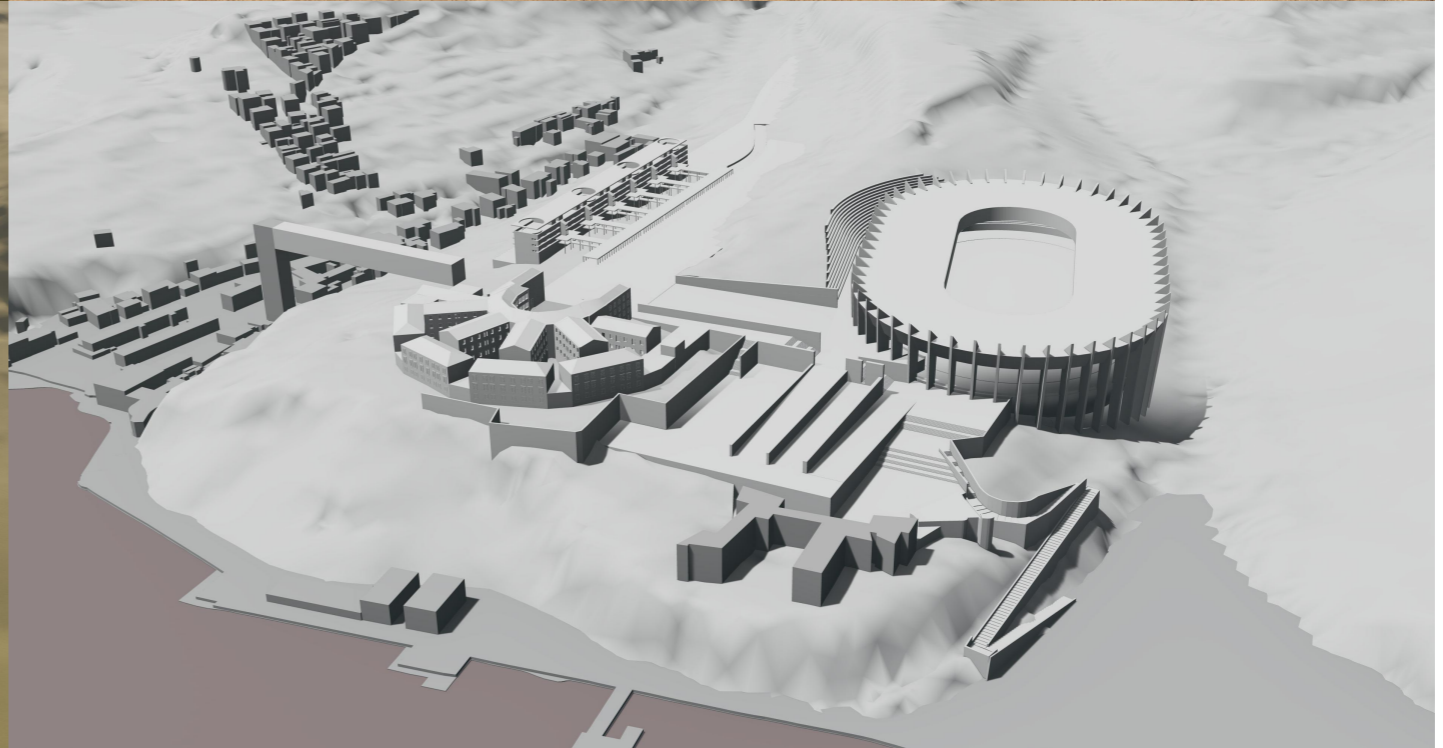


Legenda Geral:

- 1 - Calçada de Zinco in 1%
- 2 - Painel Sandwiche (Europalmet)
- 3 - Chapa Lisa de Zinco 0,7 Junta Agrugada Tipo Anilha
- 4 - IPE 30
- 5 - Colunas Treliçadas em Perfil Metálico (IPE 30)
- 6 - Passadizo Técnico de Manutenção
- 7 - Capateamento em Zinco cor Natural
- 8 - Caldeira de Apoio sem corte termico com vidro temperado laminado
- 9 - Vigas de Bêto armado de Apoio da Treliça
- 10 - Bateria de Regulação
- 11 - Bateria de Limpeza
- 12 - Placa de Aluminio em Perfil Simétrico
- 13 - Sapata de Bêto armado
- 14 - Revestimento em Placa Calçada
- 15 - Laga de Bêto Armado, espessura 20 cm
- 16 - Laga Fungiforme em bêto armado
- 17 - Tecto em Gesso Cartão
- 18 - Impermeabilizações + Telas Drenantes
- 19 - Tapa vegetal
- 20 - muro de bêto armado de 12 cm
- 21 - Dreno
- 22 - Gaiolas com Gaiolas Armadas (Liga de Zinco)
- 23 - Gravilha



- Legenda Geral:
1. Calçada de Zinco (1+1%)
 2. Painel Sandwiche (Europanel)
 3. Chapa Lisa de Zinco 07 Junta Agrugada Tipo Antea
 4. IPE 30
 5. Colunas Treliçada em Perfil Metálico (IPE 30)
 6. Passadizo Técnico de Manutenção
 7. Capotamento em Zinco em Cor Natural
 8. Casilharia dupla sem corte termico com vidro temperado laminado
 9. Viga de Betão armado de Suporte da Treliça
 10. Balcão de Regulação
 11. Betão de Limpa
 12. Piza de Alvenaria em Puro Simétrico
 13. Sapata de Betão armado
 14. Revestimento em Placa Calcaria
 15. Laga de Betão Armado, espessura 20 cm
 16. Laga Fungiforme em betão armado
 17. Tecto em Gesso Carbonado
 18. Impermeabilizações + Telas Drenantes
 19. Terra vegetal
 20. muro de betão armado de 12 cm
 21. Dreno
 22. Gaiolas com Gaiolas Armadas (Liga de Zinco)
 - 23 - Gravilha



Universidade de Lisboa

Faculdade de Arquitectura

Em Busca da Arquitectura Perdida

Sentido de Comunidade em Porto Brandão

Prof. Luís Afonso

Prof. Pedro Abreu

Mestrado Integrado em
Arquitectura

João Miguel Serranho de Sousa

20131046

2024

Fevereiro

Estudos Tridimensionais 2

